VISITA TÉCNICA A ANGICO DOS DIAS, EM CAMPO ALEGRE DE LOURDES - BA

Celito Kestering[1]

1 INTRODUÇÃO

No dia 26 de fevereiro do ano em curso realizou-se visita técnica às tocas do Baixão Novo, Calado, João Umbelino e da Serra da Fonte, bem como à Pedra dos Letreiros, no município de Campo Alegre de Lourdes. Atendeu-se às solicitações da Associação Comunitária de Fundo de Pasto Terra Viva das Comunidades de Baixãozinho, Baixão Novo e Baixão Grande, CNPJ 26.708.009/0001-45 e da Associação Comunitária de Fundo de Pastos das Comunidades de Angico dos Dias e Açu, CNPJ 26.708.037/0001-62. Dela participaram Antônio José da Silva, Edinei Dias Soares, Pedro Pereira da Trindade e Celito Kestering. Tinha-se o objetivo de prospectar o entorno da área onde a Mineração Galvani explora uma jazida de rochas fosfatadas, para embasamento de discussões que no momento se efetivam no povoado de Angico dos Dias e núcleos habitacionais vizinhos, a respeito de seu patrimônio, história e memória.

Nas terras que ocupam, para auferir dividendos econômicos, as empresas mineradoras normalmente desdenham o valor do patrimônio (natural e cultural), a memória (individual e coletiva) e a história dos grupos autóctones. Por reconhecerem a cultura e a natureza circundante como atributos de sua identidade, as pessoas que fazem parte de um contexto ambiental e social atribuem-lhes apreço incomensurável. É por isso que os temas referentes ao patrimônio natural e cultural fazem-se sempre mais presentes nas discussões acadêmicas, sociais e políticas. À proporção em que se despertam e fortalecem sentimentos de pertença, o significado e a significância desses temas variam no tempo e no espaço. A eles atribuem-se e agregam-se valores peculiares dos grupos que com eles relacionam-se.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

No sentido literal, patrimônio é tudo que se recebe de herança. Inicialmente considerava-se como tal apenas o conjunto de bens materiais herdados. Com o passar do tempo, contudo, novos significados se agregaram ao termo. Atualmente a ele se integram o ambiente, a cultura material, a cultura imaterial a história e a memória. A ele se incorporam artefatos arqueológicos, plantas, animais, rios, serras, danças, folclore, músicas, festejos, lendas, mitos, histórias, casos e até anedotas. Hoje, patrimônio é todo legado produzido ou não por

[1] Licenciado em Filosofia,com habilitação em em Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor Associado (aposentado) da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Endereço: Rua Job Marques, Nº 38; Bairro Jardim Novo Encontro; Juazeiro - BA; CEP: 48.904-457. Fone: (74) 3613 – 6897; (74) 98837 – 7470. E-mail: celito.kestering@gmail.com

indivíduos ou grupos, que se faz elo entre o passado e o futuro e passa de geração em geração, como herança.

> O que torna um bem dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou significados que tal bem possui para determinado grupo social, justificando assim sua preservação. É necessário compreender que os múltiplos bens possuem significados diferentes, dependendo do seu contexto histórico, do tempo e momento em que estejam inseridos. (TOMÁS, 2010, p. 6).

O patrimônio pode ser natural ou cultural. Na maior parte das vezes, utiliza-se o termo que o define como sinônimo de cultura. Contudo, eiva-se a natura de igual importância e valor. Da mesma forma que se avalia um edifício histórico como um bem cultural a se preservar, também são relevantes os elementos e processos naturais como bens de valor patrimonial.

Um bem patrimonial pode ser de ordem natural. Ele adquire significância e valor, de acordo com as temáticas das diversas atividades humanas em que se reconhece valia, pela relação que tem com ritos e mitos e com a própria sobrevivência dos grupos sociais. O patrimônio natural é o bem não construído ou manufaturado. Ele constitui a base de sustentação para todas as expressões de vida e especialmente a dos humanos. Pela complexidade e importância de seus préstimos, o ambiente natural e sua história representam o direito mor da espécie humana.

O patrimônio natural contém dois componentes fundamentais: o biótico e o abiótico. O patrimônio biótico compõe-se de seres vivos e o abiótico, da natureza mineral, com especificidades regionais, fundamentais à preservação da vida, na diversidade de suas expressões. Ao patrimônio abiótico integram-se naturalmente os bens geológicos, geomorfológicos, hídricos e climáticos.

Nas iniciativas de conservação da natureza, normalmente se menospreza o componente geológico em relação ao componente biológico. Institui-se a maior parte das áreas de proteção para preservar ecossistemas ou seres vivos (biótopos). Relega-se a planos secundários a valorização e proteção de bens patrimoniais geológicos, geomorfológicos, climáticos e hídricos. Cada vez mais cientes da importância deles para sua sobrevivência, as comunidades valorizam-nas, conservam-nas e exigem indenização condigna quando não há a mínima possibilidade de preservá-los nos processos de implantação de empreendimentos governamentais e de iniciativa privada.

O patrimônio geológico constitui-se de feições de relevo que, por sua composição e estrutura, têm valor para a vida das pessoas e devem, por isso, ser preservadas. Ele compõe-se de documentos que testemunham a história da Terra e da vida que a ela se agrega e com ela interage. De acordo com as áreas específicas da Ciência da Terra, o patrimônio geológico engloba geótopos mineralógicos, paleontológicos e geomorfológicos.

É nesse contexto que se insere o patrimônio geomorfológico de Angico dos Dias e dos povoados adjacentes. Ele traduz-se pelo conjunto de locais de interesse paisagístico. Neles, a depender do viés da percepção dos grupos, as geoformas adquirem valor científico, socioeconômico, histórico, cultural e até estético. Elas têm importância particular porque conservam cicatrizes que contribuem para a explicação e construção da história da Terra, de seu clima e da vida que ela comporta.

A valorização desses locais pode dar-se em quatro esferas: científica (arenitos que, há milhões de anos formaram-se pela acumulação de sedimentos marinhos, lacustres ou fluviais);

histórica e cultural (montanhas ou grutas com forte carga emocional, mística ou religiosa); estética (paisagens espetaculares como tocas e grutas que ao longo dos anos esculpiram-se por dissolução, erosão diferencial e/ou ação de agentes de intemperismo); socioeconômica (paisagens propícias à exploração turística, agrícola, pecuária ou industrial).

Por conter aspectos da natureza humana, reconhece-se como patrimônio cultural tudo o que se edifica ao longo da história. São bens que, pela sua relevância, caracterizam-se como atributos da identidade dos grupos. A esse universo integram-se a estrutura econômica e social e os artefatos que dela derivam, quais sejam: objetos arqueológicos, artísticos, científicos ou industriais e estruturas arquitetônicas. À proporção do despertar e fortalecer de sentimentos de relação e pertença, a eles se agregam outros valores.

> O estudo do patrimônio cultural promove a valorização e consagração daquilo que é comum a determinado grupo social no tempo e no espaço. Esse patrimônio compreende três grandes categorias: a primeira engloba os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente; a segunda refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber-fazer; e a terceira trata mais objetivamente do patrimônio histórico, que reúne em si toda a sorte de coisas, artefatos e construções resultantes da relação entre o homem e o meio ambiente e do saber-fazer humano, ou seja, tudo aquilo que é produzido pelo homem ao transformar os elementos da natureza, adequando-os ao seu bem-estar. (TOMAZ, 2010, p. 3).

Por ser um atributo fundamental da identidade, o patrimônio histórico é um registro que os grupos edificam sobre seu passado ou de outrem. Há possibilidade real de se a construir em testemunhos orais e objetos da cultura material que os humanos preservam. Para compreender processos históricos e sociais do município de Campo Alegre de Lourdes, realiza-se pesquisa no âmbito da História e da Arqueologia, em diálogo com a Antropologia Cultural, Geologia, Zoologia, Botânica, Etnologia, Etnografia, Geografia Histórica e Cultural, além de outras áreas do conhecimento. Complementa-se a pesquisa com buscas pelas informações orais que ora se compartilham. O patrimônio cultural constitui-se de recordações, memórias e histórias. Quem constrói e registra histórias, compartilha memórias. A memória é uma construção atualizada e renovada do passado. Ela se integra ao patrimônio cultural e constitui parte do conjunto de atributos da identidade dos grupos sociais.

> História, tempo e memória são processos interligados. O tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. (DELGADO, 2010).

Pela memória, o passado faz-se sempre atual. Ela alimenta-se de fragmentos de lembranças que se partilham e compartilham. Com ela, as lembranças instalam-se até no sagrado. Apresenta-se assim, por oportuno, o relatório da visita que se efetivou, com base nas referências geológicas, geomorfológicas, climáticas, vegetais, faunísticas, históricas e arqueológicas que se constataram em campo e complementaram-se com dados obtidos em pesquisa bibliográfica.

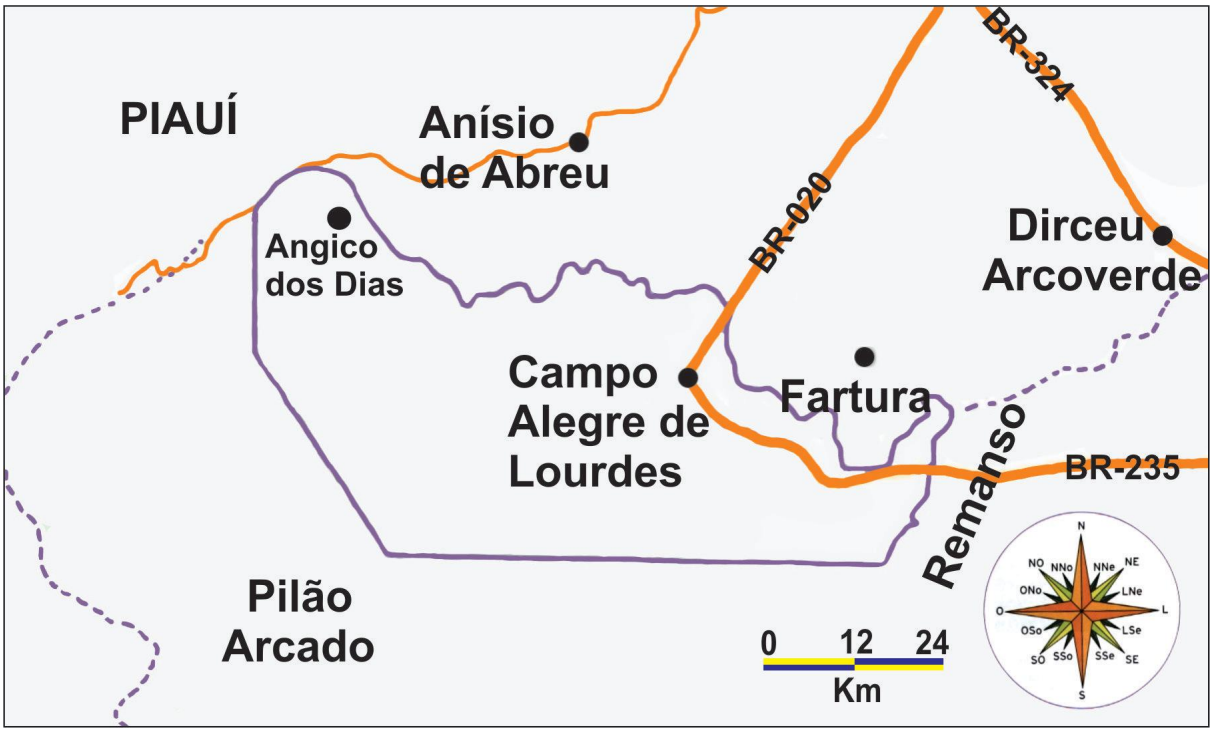
> Como não ter saudades do tempo, do espaço e das pessoas quando, onde e com quem se compartilharam conhecimentos e experiências, em relações fugazes de diálogo, respeito e afeto? Não são mais reais o tempo e o espaço. Real é apenas a memória que encontrou guarida nas conexões neurais de quem fez parte e, porque partilhou, compartilha-a como atributo de sua identidade. Na memória fazem-se

> perenes os gestos compartilhados. A Arqueologia institui-se como ciência e religião quando nela há espaço e tempo para a celebração da memória. Fazei isto em memória de mim, dizia meu mestre. Amo a Arqueologia. (KESTERING, 2018, p. 262-263).

3 CAMPO ALEGRE DE LOURDES

O município de Campo Alegre de Lourdes situa-se na região limítrofe entre o Médio e o Submédio São Francisco, extremo norte do estado da Bahia. (Fig. 1). Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a terra que se originou da velha Catita possui hoje uma área de 2.781 km² e 29.877 habitantes, conforme censo de 2014. Sua sede localiza-se às coordenadas UTM23L 718643 e UTMN 8947504. Está a 475 metros acima do nível do mar e a 799 km da capital, Salvador. Emancipou-se no dia 05 de julho de 1962. Limita-se ao norte com os municípios piauienses de Guaribas, Caracol, Jurema e Várzea Branca; ao sul, com Pilão Arcado; a leste com Remanso e a oeste, com Pilão Arcado. Antes e durante o processo de interiorização colonizadora do Nordeste brasileiro, com início de ocupação europeia efetiva no século XVII, os índios Acoroá ocupavam seu território[2].

Figura 1 – Município de Campo Alegre de Lourdes



Fonte: Remanso – Wikipédia (2019), adaptada pelo relator

[2] O território da etnia Acoroá estendia-se da margem esquerda do Rio São Francisco até o atual município de São Gonçalo da Regeneração – PI. Lá, em solo piauiense, implantou-se o aldeamento indígena de São Gonçalo de Amarante. Esse centro missioneiro deu origem à cidade de Regeneração que se conhece hoje. "São Gonçalo de Amarante [foi] criado em 26 de setembro de 1772, por ordem do governador, com mil duzentos e trinta e sete índios Acoroás". (MIRANDA, 2012, p. 26).

3.1 Patrimônio Natural

Destacam-se como constituintes do patrimônio natural de Campo Alegre de Lourdes, o clima, os recursos minerais, as geoformas, os recursos hídricos, a vegetação e a fauna.

3.1.1 Patrimônio Climático

Em Campo Alegre de Lourdes, o clima é semiárido e quente, com alternância de estações nitidamente definidas, a da chuva (inverno) que vai de novembro a março e a da seca (verão), nos demais meses. A umidade relativa média é baixa, em torno de 60%. A precipitação pluviométrica média anual é de 704 mm. O mês de agosto é o mais seco e março, o de maior precipitação. A temperatura média anual é de 25,9°C, com variação de 27,1°C no mês de outubro e 24,4°C, em julho. A evaporação anual é de 2.245 mm e o tempo médio de insolação é de 3.200 horas anuais.

3.1.2 Patrimônio Geológico

Em grande parte do território de Campo Alegre de Lourdes jazem extensas formações superficiais cenozoicas que se geraram no período do Neógeno, de 23 a 2,6 milhões de anos. (**1**). "São sedimentos arenoargilosos, finos a médios, em parte cascalhosos, com nódulos arredondados de óxidos de ferro". (LIMA, *et al.*, 2017). Os espaços em que jazem essas camadas sedimentares caracterizam-se como pediplanos[3]. Neles os leitos dos riachos são ainda pouco definidos.

Os maciços que nele afloram ou subjazem aos sedimentos cenozoicos, constituem-se de: Complexo Gnaissicomigmatítico (**10**), Unidade Serra da Boa Esperança (**9**), Suíte Alcalina Serra do Meio (**8**), Complexo Carbonatítico Angico dos Dias (**7**), Complexo Máfico do Peixe (**6**), Complexo Máfico-Ultramáfico de Campo Alegre de Lourdes (**5**), Corpos Máficos-Ultramáficos Diversos (**4**), Grupo Santo Onofre (**3**) e Bacia do Parnaíba (**2**). (Fig. 2).

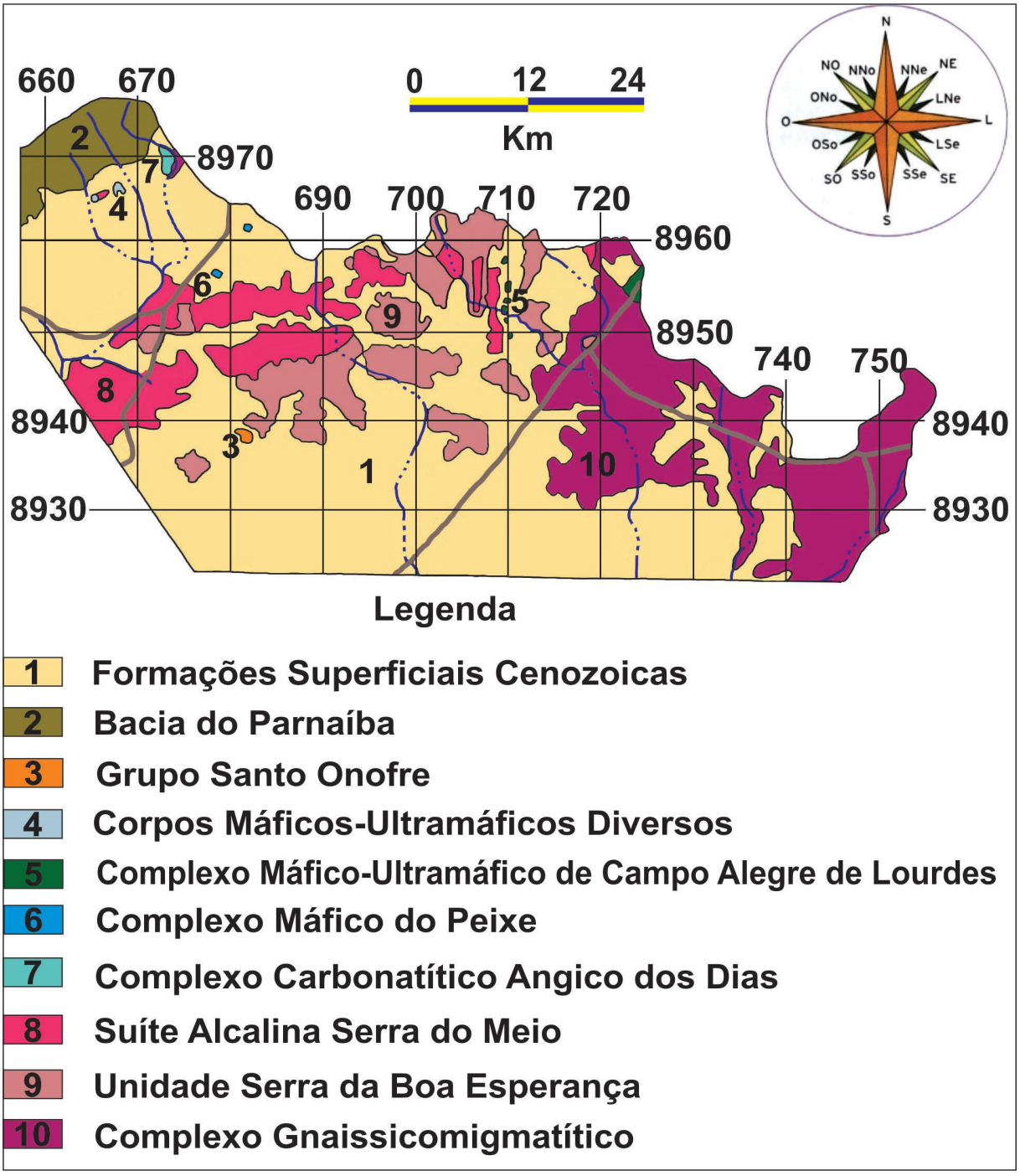
O Complexo Gnaissicomigmatítico (**10**) reúne rochas do Arqueano e do Paleoproterozoico. Arqueano é o éon compreendido entre 3,85 bilhões de anos e 2,5 bilhões de anos. Nele surgiram as primeiras formas de vida unicelular na Terra. Paleoproterozoico é a era do éon Proterozoico, compreendida entre 2,5 bilhões e 1,6 bilhão de anos atrás. Nela surgiram as primeiras cyanobactérias que inauguraram o processo da fotossíntese na Terra.

> [Constitui-se de um] conjunto de gnaisses bandados, milonitizados, com frequentes intercalações de metabásicas e subordinadamente lentes de quartzitos e gnaisses granadíferos. Apresenta também uma associação de ortognaisses cisalhados, por vezes milonitizados, ortognaisses porfiroclásticos, ocasionalmente miloníticos e migmatíticos bandados. (ARCANJO e BRAZ FILHO, 1999, p. 9).

[3] Pediplano é uma superfície com topografia plana ou suavemente inclinada em que o substrato rochoso cobre-se com material aluvionar ou coluvial. Desenvolve-se por processo erosivo regressivo de escarpas. É responsável pela coalescência e expansão de áreas planas das saias dos montes e morros residuais.

Apresenta alinhamento nordeste – sudoeste. Tem início em Cristalândia do Piauí, passa pela cidade de Campo Alegre de Lourdes e termina junto aos metassedimentos da Serra do Estreito. Aflora como lajedos nas margens das lagoas: Campo Alegre de Lourdes, dos Veados, das Guaribas, dos Macacos, de Dentro, da Volta de Cima, do Gado e do Caldeirão. Aflora também junto aos povoados: dos Martins, Alecrim, Boa Vista, Morrinho, Sereno, Brasileiro, Jenipapinho, Taboas, Marrecas, Volta de Baixo, Volta de Cima, Furnas, Cantinho e Angico dos Dias. (LEITE, 1997, p. 17 e CBPM, 1997).

Figura 2 – Esboço geológico de Campo Alegre de Lourdes – BA



Fonte: CPRM (2003), adaptado pelo relator

A Unidade Serra da Boa Esperança (**9**) reúne rochas do Paleoproterozoico e do Mesoproterozoico. Mesoproterozoico é a era do éon Proterozoico, compreendida entre 1,6 e 1 bilhão de anos. Nela ocorreu o desenvolvimento da reprodução sexual o que aumentou consideravelmente a complexidade da vida.

> [Constitui-se de] moscovita-quartzo xisto, magnetita-moscovita quartzito, granada-biotita-feldspato-quartzo xisto e albita-quartzo xistos (a); xistos calcíferos, incluindo quartzo-moscovita xistos limonitizados, calcita-biotita (moscovita) quartzo xistos, calcita quartzito felspáticos e lentes de metacalcários impuros (b). (CBPM, 1997).

Apresenta alinhamento nordeste – sudoeste. Tem início no estado do Piauí e estende-se pela parte central do município de Campo Alegre de Lourdes. Abrange as serras: da Boa Esperança, das Pitombas, Morrinho e Pedra Comprida. Engloba também os povoados: Mandarino, Boa Esperança, Barreiro, Velame, Lagoa dos Bois, Lagoa Velha, Barreiro do Espinheiro, Mamoneira, Fazenda Zé da Silva, Alto do Consolo, Lagoa do Arroz, Lagoa Funda, Mundo Novo, Lagoa do Meio, Sítio Contenda, Lagoa do Aristóteles, Santa Úrsula, Lagoa do Meio, Barra, Cacimbinha, São Gonçalo, Garajau, Mandacaru, Mosquiteira e Peixe. (LEITE, 1997, p. 17 e CBPM, 1997).

A Suíte Alcalina Serra do Meio (**8**) também reúne rochas do Paleoproterozoico e do Mesoproterozoico, com aproximadamente dois bilhões de anos.

> [Constitui-se de] granitos alcalinos anorogênicos, com quatro fácies distintas: fácies peraluminosa a duas micas (a); fácies metaluminosa a biotita (b); fácies dominantemente metaluminosa; e peralcalina subordinada, contendo biotita, anfibólios e piroxênios sódicos (c); fácies peralcalina, com anfibólios e piroxênios sódicos (d). (CBPM, 1997).

Abrange os povoados de Boa Vista, Alagadiço, Cacimba Velha, Caraíba, Peixe, Lagoa da Cruz, Lagoa do Peixe, Lagoa de Cima, Belo Tanque, Pitombas, Serra da Pedra Comprida, Queimadas, Serra do Meio, Mudubim, Lagoa do Sal, Baixão Velho, Santa Úrsula, Tanque dos Mendes e Ramalho.

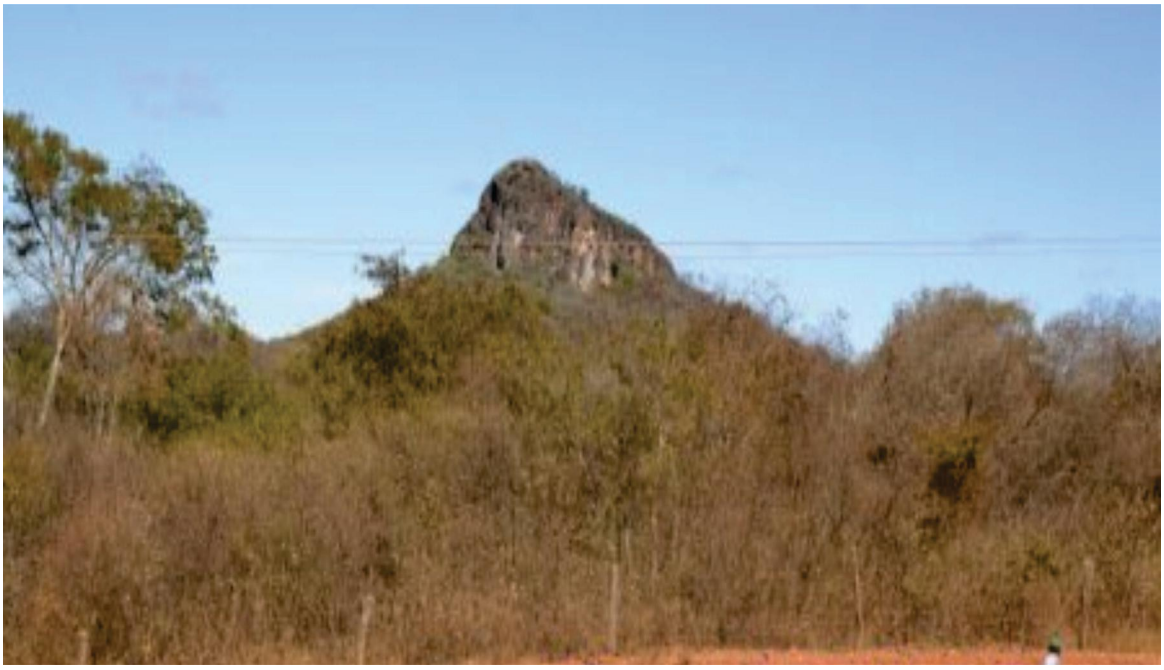
> A região contém uma das maiores jazidas do mundo de ferro, titânio e vanádio e um complexo carbonatítico pré-cambriano mineralizado em rocha fosfática residual com reservas que montam a 12,5 milhões de toneladas e um teor médio de 15,4% P2O5. As melhores exposições desses corpos estão presentes nas serras do Meio, da Canastra e nos povoados de Santa Úrsula, Pitomba e Calixto. (LEITE; FRÓES, 2019, p. 157-158).

O Complexo Carbonatítico Angico dos Dias (**7**) também reúne rochas do Paleoproterozoico e do Mesoproterozoico, com aproximadamente dois bilhões de anos. [Constitui-se de] “associação carbonatítica, dominando sienitos e olivina-apatita sovitos com piroxenitos, alcalidioritos e lamprófiros subordinados; contém importante depósito de rocha fosfática”. (CBPM, 1997). Situa-se a noroeste do povoado de Angico dos Dias.

O Complexo Máfico do Peixe (**6**) também reúne rochas do Paleoproterozoico e do Mesoproterozoico, com aproximadamente dois bilhões de anos. [Constitui-se de] “associação gabronorítica, acamadada com níveis subordinados de piroxenitos, incluindo metagabros, magnetita gabros, ilmenita magnetíticos e metagabronoritos, maciço subaflorante delimitado por magnometria”. (CBPM, 1997). Um dos afloramentos localiza-se ao norte do Distrito de Peixe, próximo ao povoado de Tanquinho e o outro, junto a um lugar que se conhece como Barreiro Preto.

O Complexo Máfico-Ultramáfico de Campo Alegre de Lourdes (**5**) também reúne rochas do Paleoproterozoico e do Mesoproterozoico, com aproximadamente dois bilhões de anos. [Constitui-se de] "associação máfico-ultramáfica acamadada, composta por piroxenitos, gabros, leucogabro-anortositos, ilmenita-magnetíticos e apatíticos, localmente milonitizados e cortados por diques de diabásio tardios; incluem expressivos depósitos de Fe-Ti-V. [Ferro – Titânio - Vanádio]". (CBPM, 1997). Localiza-se a noroeste da cidade de Campo Alegre de Lourdes e abrange o Morro Testa Branca, Pedra Comprida e Morro do Tuiuiú. (Fig. 3).

Figura 3 – Morro do Tuiuiú, próximo à cidade de Campo Alegre de Lourdes



Fonte: CPT de Juazeiro (2015)

Os Corpos Máficos-Ultramáficos Diversos (**4**) também reúnem rochas do Paleoproterozoico e do Mesoproterozoico, com aproximadamente dois bilhões de anos. Abrangem a área onde se localiza o povoado de Baixão Novo e setor próximo ao povoado de Baixãozinho.

> [Constituem-se de] provável maciço plutônico de composição básica, metassomatizado, contendo fenoclatos de plagioclásio em matriz xistificada composta por esfeno, clorita, quartzo, albita, moscovita calcita e magnetita; delimitação do corpo subaflorante feita através de manetometria. (...) Metapiroxenitos, metagabros e clorita-actinolita xistos, provavelmente associados a granitoides alcalinos. (CBPM, 1997).

O Grupo Santo Onofre (**3**) reúne rochas do Mesoproterozoico, compreendido entre 1,6 e 1 bilhão de anos. Ocorre entre os povoados de Morro Velho e Mandacaru. [Constitui-se de] "quartzitos de granulação fina a média micáceos a laminados, com níveis enriquecidos de óxidos de ferro (a); moscovita-quartzo xisto limonitizados, contendo cubos de pirita (b)". (CBPM, 1997).

A Bacia do Parnaíba (**2**), que se constitui de rochas sedimentares, teve origem há cerca de 500 milhões de anos. Na extremidade noroeste do território de Campo Alegre de Lourdes evidenciam-se arenitos, conglomerados, diamictitos, siltitos, folhelhos e calcários, com origem entre o Ordoviciano Superior e o início do Siluriano, há aproximadamente 450 milhões de anos, em sistema de deposição continental de leque aluvionar.

> [No Ordoviciano] ocorreram várias transformações no planeta, entre elas eventos que incidiram sobre a conformação continental (na litosfera). Chamada de Gondwana, a imensa massa continental ficou praticamente restrita ao hemisfério sul, submetido a um intenso período de glaciação. A vegetação é caracterizada pelo surgimento dos primeiros vegetais fixados ao substrato terrestre, havendo uma grande predominância de algas que cobriam as regiões oceânicas. Esse período marcou para os animais invertebrados uma grande explosão quanto à diversidade de espécies. O momento circunstanciou o surgimento dos primeiros peixes agnatas (sem mandíbula). Contudo, ao final do Ordoviciano teria ocorrido um processo de extinção em massa, dizimando considerável número de organismos, certamente caracterizado por um período interglacial. (FONSECA, 2019).

3.1.3 Patrimônio Geomorfológico

Em Campo Alegre de Lourdes predomina a unidade de relevo que se conhece como Depressão Periférica do Médio São Francisco, bastante dissecada, com altitudes que variam de 400 a 500 metros. Nela ocorrem inselbergs ou morros residuais e cristas estruturais. Os inselbergs têm altitudes médias de 500 a 600 metros. Os mais conhecidos são: Tuiuiú (principal ponto turístico) e o Morro do Carlota. Nas cristas estruturais, as altitudes médias variam de 550 a 650 metros. São exemplos mais expressivos das cristas estruturais as serras da Boa Esperança, da Pedra Comprida e das Pitombas.

3.1.4 Patrimônio Hídrico

O território do município de Campo Alegre de Lourdes integra a Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Todos seus cursos de água e lagoas são intermitentes. Os cursos de água mais significativos são os baixios: da Gameleira, das Tocas, do Angico, da Cacimba Velha, do Bom Gosto, da Uberaba e dos Bois, assim como as veredas: da Espirradeira, do Campestre, da Chapada, do Mulungu e da Baixa Verde. Todos são tributários da Vereda do Pilão Arcado que, por sua vez deságua no Rio São Francisco. As lagoas mais conhecidas são: de Campo Alegre de Lourdes, da Cruz, do Peixe, de Cima, do Sal, da Santa Úrsula, da Guariba, dos Macacos, de Dentro e do Gado.

3.1.5 Patrimônio Vegetal

A vegetação característica de Campo Alegre de Lourdes é a típica caatinga dos sertões nordestinos, com formas vegetais xeromórficas e lenhosas, monofoliadas deciduais, que se caracterizam como arbóreas abertas ou densas, sem palmeiras, e arbustivas, densas em alguns espaços e abertas em outros, a depender de fatores topográficos, ecológicos e pedológicos.

As espécies arbóreas mais comuns são: angico (*Anadenanthera colubrina*), aroeira (*Schinus terebinthifolius*), umburana de cambão (*Commiphora leptophloeos*), umburana de cheiro (*Amburana cearensis*), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), favela de cachorro (*Cnidoscolus quercifolius*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), angico de bezerro (*Piptadenia moniliformis*), jurema preta (*Mimosa tenuiflora*), cerejeira (*Eugenia involucrata*),

pau d'arco (*Handroanthus impetiginosus*), camaçari (*Caraipa densifolia*), murici (*Byrsonima cracifolia*), jatobá (*Hymenaea courbaril*) e gameleira (*Ficus catappifolia*). (Fig. 4 a 11).

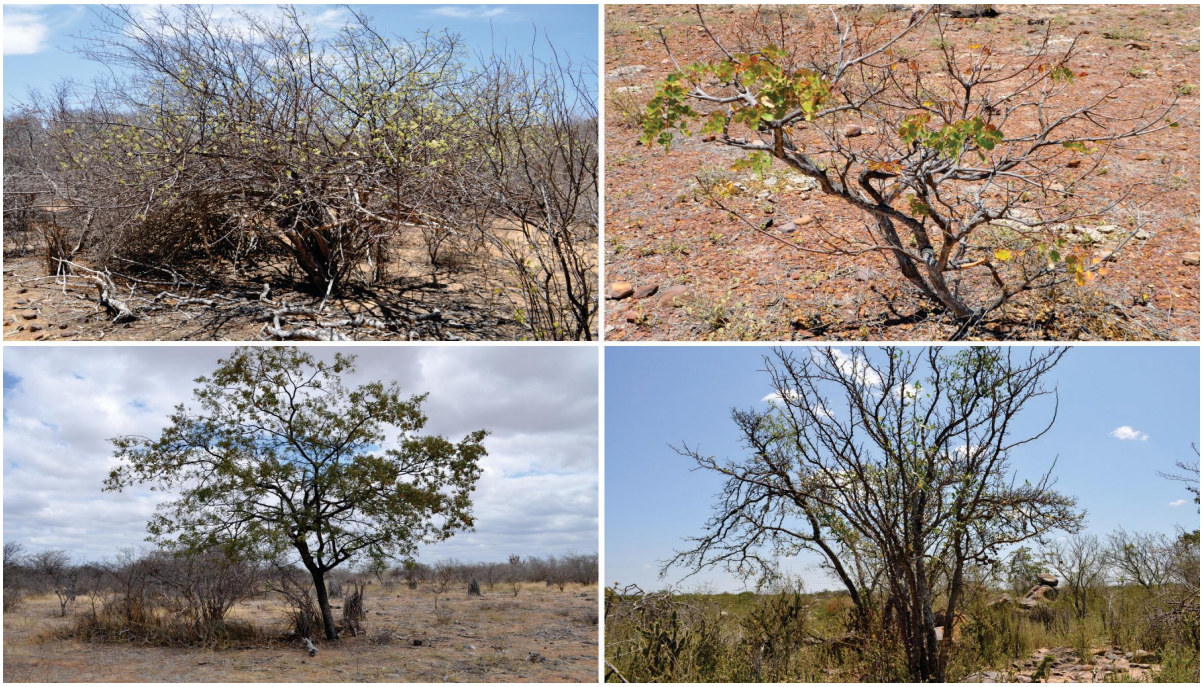
Dentre as arbustivas, destacam-se: cansanção (*Cnidosculus pubescens*), pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*), quebra faca (*Croton conduplicatus*), pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), jureminha (*Desmanthus virgatus*), jurema vermelha (*Mimosa ophthalmocentra*), melosa (*Ruellia asperula*), velame (*Croton heliotropiifolius*), jitirana (*Ipomoea cairica*) e sete patacas (*Allamanda cathartica*). (Fig. 12 a 15).

Figura 4 – Angico, aroeira, umburanas de cambão e de cheiro



Fotos: O relator (2014) e Francisco de Assis Souza (2017)

Figura 5 – Umbuzeiro, baraúna, catingueira e favela de cachorro



Fotos: O relator (2014)

Figura 6 – Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*)



Foto: O relator (2019)

Figura 7 – Angico de bezerro (*Piptadenia moniliformis*)



Foto: O relator (2019)

Figura 8 - Camaçari (*Caraipa densifolia*)

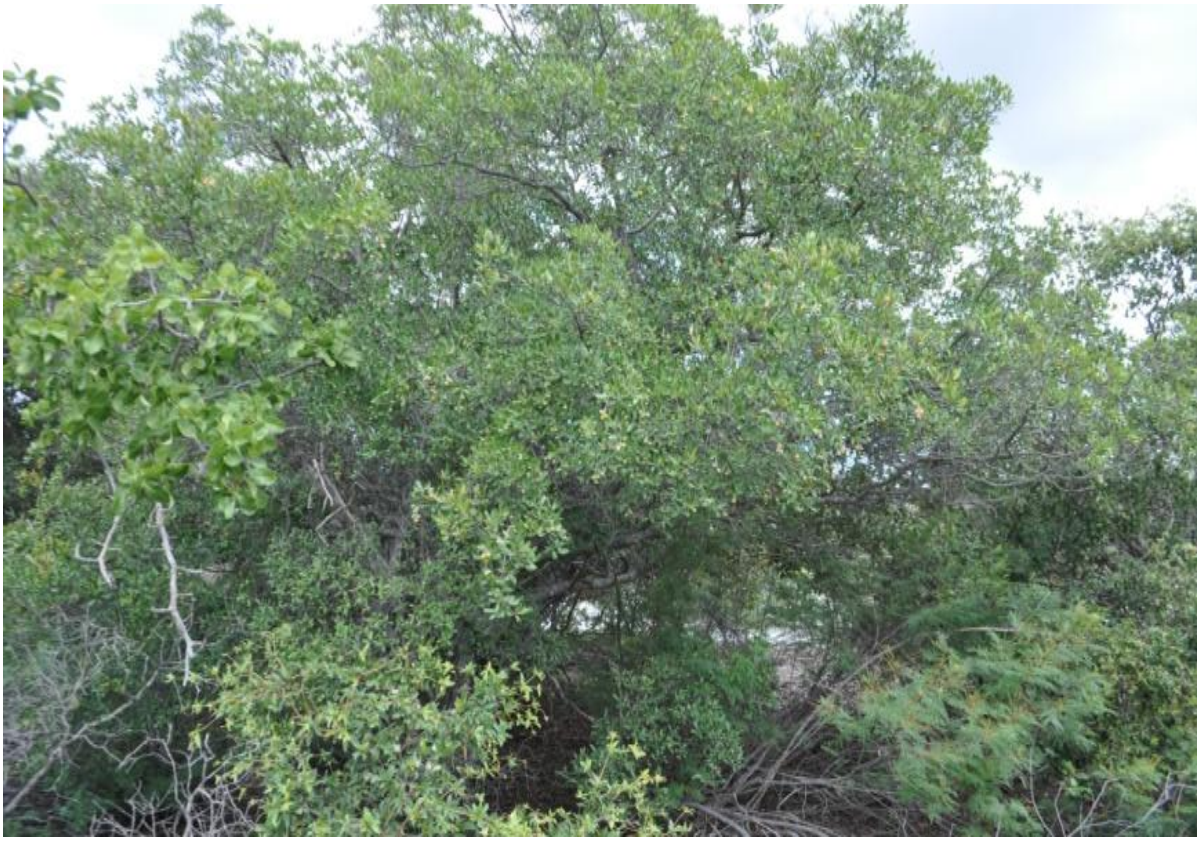


Foto: O relator (2017)

Figura 9 - Murici (*Byrsonima cracifolia*)



Foto: O relator (2017)

Figura 10 – Jatobá (*Hymenaea courbaril*)



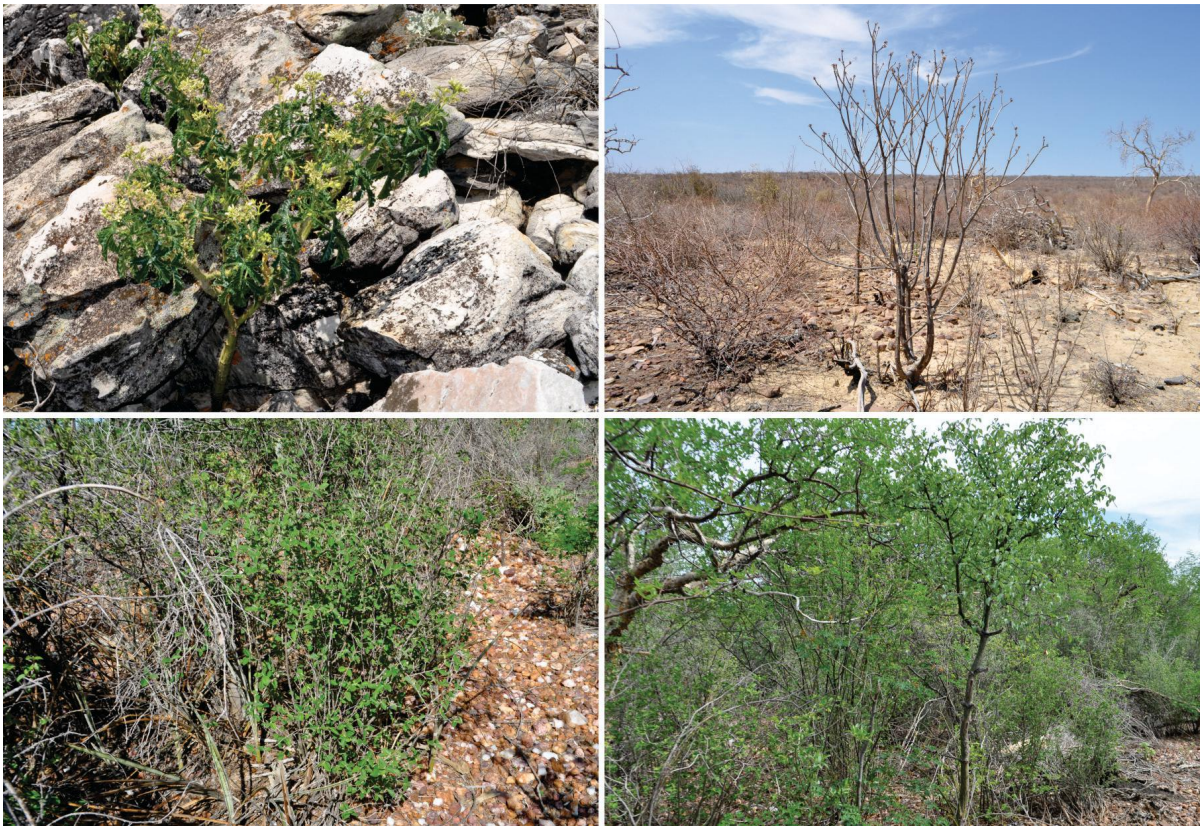
Foto: O relator (2001)

Figura 11 – Gameleira (*Ficus catappifolia*)



Fonte: Castro (2013)

Figura 12 – Cansanção, pinhão roxo, quebra faca e pereiro



Fotos: O relator (2014)

Figura 13 – Velame (*Croton heliotropiifolius*)



Foto: O relator (2019)

Figura 14 – Jitirana (*Ipomoea cairica*)



Foto: O relator (2017)

Figura 15 – Sete patacas, dedal de princesa ou pente de macaco



Fonte: Kestering (2018, p. 196)

As cactáceas mais representativas são: xiquexique (*Pilosocereus polygonus*), mandacaru facheiro (*Pilosocereus pachycladus*), quipá (*Tacinga inamoena*), coroa de frade (*Melocactus zehntneri*) e mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*). Elas ocorrem dominantemente em áreas de solos pedregosos e nas encostas ou cristas das serras. Nesses setores também se notabilizam as bromeliáceas como caroá (*Neoglaziovia variegata*) e macambira de lajedo (*Bromelia laciniosa*). (Fig. 16 a 18).

Figura 16 – Xiquexique, mandacaru facheiro, quipá e coroa de frade



Fotos: O relator (2014)

Figura 17 – Mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*)



Foto: O relator (2014)

Figura 18 – Macambira de lajedo



Foto: O relator (2019)

3.1.6 Patrimônio Animal

Ao longo da história e da pré-história de Campo Alegre de Lourdes, a fauna silvestre sempre foi abundante na caatinga. Os mamíferos silvestres mais comuns são: caititu (*Tayassu tajacu*), veado (*Mazama gouazoubira*), tatu verdadeiro (*Dasypus novemcinctus),* tatu peba (*Euphractus sexcinctus*), tatu bola (*Tolypeutes tricinctus*), tatu china (*Dasypus septemcinctus*), tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*), mocó (*Kerodon rupestris*), preá da caatinga (*Cavia aperea*), capivara (*Hidrochaeril hydrochaeris*), cutia (*Dasyprocta Aguti*), macaco prego da caatinga (*Sapajus libidinosus*), saguí (*Callithrix jaccus*), gato macambira (*Leopardus tiguinus*), lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*) e raposa (*Dusicion thous*). (Fig. 19 a 34).

Figura 19 – Caititu (*Tayassu tajacu*)



Fonte: Britanica Escola (2018)

Figura 20 – Veado (*Mazama gouazoubira*)



Fonte: Pereira (2009), adaptado pelo relator

Figura 21 – Tatu verdadeiro (*Dasypus novemcinctus)*



Fonte: Araguaia (2018)

Figura 22 – Tatu peba (*Euphractus sexcinctus)*



Fonte: Ferreira (2013)

Figura 23 – Tatu bola (*Tolypeutes tricinctus*)



Fonte: Girardi (2014)

Figura 24 – Tatu china (*Dasypus septemcinctus*)



Fonte: Cavalcanti (2009)

Figura 25 – Tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*)



Fonte: Cunha (2017)

Figura 26 – Mocó (*Kerodon rupestris*)



Fonte: Marinho (2014)

Figura 27 – Preá da caatinga (*Cavia aperea*)



Fonte: Fauna da Caatinga (2017)

Figura 28 – Capivara (*Hidrochaeril hydrochaeris*)



Fonte: MyImages *apud* Vieira (2009)

Figura 29 – Cutia (*Dasyprocta Aguti*)



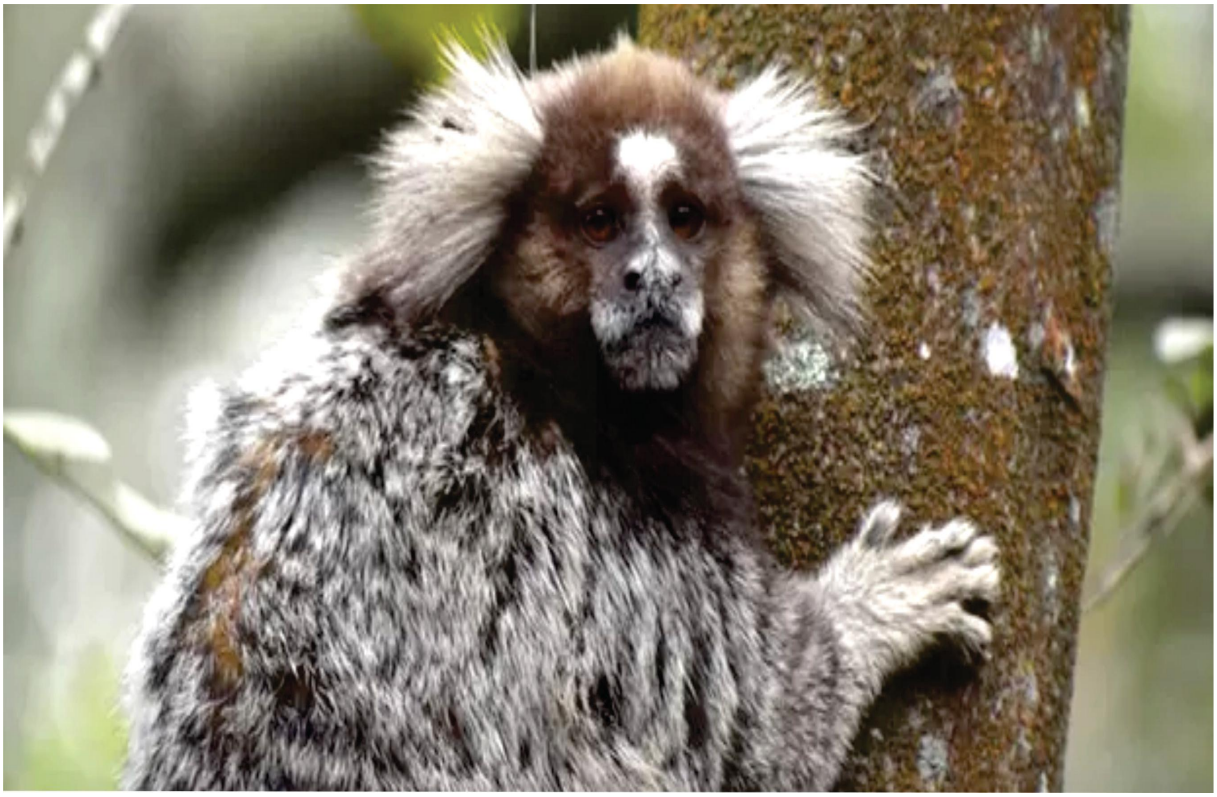
Fonte: YouTube (2019)

Figura 30 – Macaco prego da caatinga (*Sapajus libidinosus*)



Fonte: Santos (2012)

Figura 31 – Saguí (*Callithrix jaccus*)



Fonte: Person (2016)

Figura 32 – Gato macambira (*Leopardus tigrinus*)



Fonte: Youtube (2017)

Figura 33 – Lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*)



Fonte: Santos (2019)

Figura 34 – Raposa (*Dusicion thous*)



Fonte: Cavalcanti (2013)

As aves mais comuns na caatinga de Campo Alegre de Lourdes são: jacucaca (*Penelope jacucaca*), seriema (*Çariama cristata*), arribação (*Zenaida auriculata*), asa branca *(Patagioenas picazuro*), juriti (*Leptotila vereauxi*), codorna (*Nothura boraquira*), perdiz (*Rhinchotus rufescens*), zabelê (*Crypturellus noctivagus zabele*), nambu da caatinga

(*Crypturellus parvirostris*), pato mergulhão (*Mergus octosetaceus*) e paturi (*Dendrocygna viduata*). (Fig. 35 a 45).

Figura 35 – Jacucaca (Penelope *jacucaca*)



Fonte: Grosset (2019)

Figura 36 - Seriema (*Çariama cristata*)



Fonte: Lourenço (2016)

Figura 37 – Arribação (*Zenaida auriculata*)



Foto: Souza (2014)

Figura 38 – Asa Branca (*Patagioenas picazuro*)



Foto: Cipriani (2015)

Figura 39 - Juriti (*Leptotila vereauxi*)



Fonte: Mello (2012)

Figura 40 – Codorna (*Nothura boraquira*)



Foto: Leal (2012), adaptada pelo relator

Figura 41 – Perdiz (*Rhinchotus rufescens*)



Foto: Bill (2013), adaptada pelo relator

Figura 42 - Zabelê (*Crypturellus noctivagus zabele*)



Fonte: Rodrigues (2009)

Figura 43 – Nambu da caatinga (*Crypturellus parvirostris*)



Fonte: Caatinga Mata Branca (2014 *apud* Rocha, 2014)

Figura 44 – Pato mergulhão (*Mergus octosetaceus*)



Fonte: ICMBIO (2019)

Figura 45 – Paturi (*Dendrocygna viduata*)



Fonte: Portal do São Francisco (2019)

Há várias espécies de abelhas nativas como mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*), cupira preta (*Partamona cupira*), abelha moça branca (*Frieseomelitta doederleini*) e manduri (*Melipona marginata*). (Fig. 46 a 48).

Figura 46 – Mandaçaia (*Melipoina quadrifasciata*)



Fonte: Oliveira (2011)

Figura 47 – Cupira preta (*Partamona cupira*)



Fonte: Oliveira (2011)

Figura 48 – Abelha moça branca (*Frieseomelitta doederleini*)



Fonte: YouTube (2017)

3.2 Patrimônio Cultural

Em Campo Alegre de Lourdes preservam-se tradições. As mais conhecidas são: Festa do São João das Tradições, Reisado, Festa da Padroeira e Vaquejada.

Anualmente, no dia 23 de junho, celebram-se grandes festas em homenagem a São João Batista. Elas recheiam-se de muita alegria e diversão. Nela ocorrem festivais de quadrilhas, danças típicas, manifestações folclóricas, shows e concursos. (Fig. 49 e 50).

Figura 49 – Quadrilha participante do festival, na festa do São João das Tradições



Fonte: Nunes (2015)

Figura 50 – Quadrilha participante do festival, na festa do São João das Tradições



Fonte: Nunes (2015)

É tradição em Campo Alegre de Lourdes reunirem-se grupos com sanfona, pandeiro, violão, triângulo, caixa e zabumba, do primeiro ao sexto dia do mês de janeiro, para homenagearem os reis magos. Com danças e coreografias, cantam de casa em casa, representando a caminhada que fizeram os reis da magia, Gaspar, Belchior e Baltazar quando seguiram uma estrela para encontrarem o recém-nascido Menino Deus. (Fig. 51).

Figura 51 – Reisado em Campo Alegre de Lourdes



Fonte: Mariano (2016)

Ano a ano, no dia 11 de fevereiro, finalizada a novena, celebra-se em frente à igreja matriz grande festa em homenagem à padroeira de Campo Alegre de Lourdes. (Fig. 52 e 53).

Figura 52 – Igreja matriz de Campo Alegre de Lourdes



Fonte: Mariano (2015, p. 1)

Figura 53 – Festa em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Mariano (2019)

Quando se realizam vaquejadas no Parque dos amigos em Campo Alegre de Lourdes tem-se oportunidade de assistir demonstrações de coragem e destreza na captura de animais bravos. (Fig. 54 e 44). Vaqueiros destemidos mostram conhecimento e habilidade adquiridos, ao longo de séculos, nas lides diárias das fazendas.

Figura 54 – Vaquejada no Parque dos Amigos, em Campo Alegre de Lourdes



Fonte: Lima (2018)

Figura 55 – Vaquejada no Parque dos Amigos, em Campo Alegre de Lourdes



Fonte: Lima (2018)

3.3 História

Não há como compreender a história de Campo Alegre de Lourdes sem que se a vincule à história do Pernambuco, da Bahia e da Casa da Torre. Assim pode-se sobejamente afirmar que ela teve início em 1549 quando na esquadra do Governador Geral Tomé de Souza, fundador da primeira Capital do Brasil, chegou o almoxarife Francisco Garcia d'Ávila. Entre os anos 1565 e 1609 esse português de ambições feudais construiu a Casa da Torre nas proximidades de Salvador - BA. Foi ele a cepa mestra da família que se consagrou pela ocupação das terras tapuias do Sertão de Dentro e, em território campo-alegrense promoveu intensiva e extensiva criação de gado. Sua construção em forma de castelo desempenhou papel importante na defesa da capital da Bahia, quando ainda era jovem o Brasil. Francisco Garcia d'Ávila recebeu por esse apoio o título de Conde da Torre ou do Castelo, o que lhe deu oportunidade e fôlego para ampliar a conquista e ocupação efetiva da terra onde, em 1552, criava já "perto de 200 cabeças de gado, fora porcos, cabras e éguas". (CALMON, 1974, p. 26 *apud* FONSECA, 1996, p. 18).

> Em razão do crescimento requeria em 1º de maio e lhe era concedida a primeira sesmaria de "duas léguas pelos campos de Itapuã, entre os limites da cidade e a sesmaria de 6 léguas de litoral e 14 de fundos doada ao Conde de Castanheira. (CALMON, 1974, p. 24 *apud* FONSECA, 1996, p. 18).

Por volta do ano de 1573, a família de Francisco Garcia d'Ávila já se dedicava à criação de gado em amplas áreas do território baiano. Suas fazendas já se haviam ampliado de Salvador ao Rio Real.

> Não o impediram de desenvolver o rebanho, os índios em volta dos currais. Soube conviver com eles, tanto que em 1553 tirou uma cabocla da choça paterna, deu-lhe o nome cristão de Francisca Rodrigues e dela teve uma filha, que se chamou Isabel d'Ávila e foi a genitora de seu neto e sucessor Francisco Dias d'Ávila (o primeiro). (FONSECA, 1996, p. 18).

Em 1574, Francisco Garcia d'Ávila iniciou a arquitetar a conquista das terras que hoje pertencem ao estado de Sergipe. Ele participou ativamente na articulação e promoção de uma guerra para ocupar aquelas terras ao norte do Rio Real onde pretendia criar gado para dar suporte aos engenhos de açúcar da Bahia. A seu neto sucessor Francisco Dias d'Ávila que, por cedo haver perdido o pai Diogo Dias, com ele se havia criado, destinou a responsabilidade de ampliar a ocupação até alcançar o Rio São Francisco e ultrapassar suas fronteiras.

A seu filho, Francisco Garcia d'Ávila II, Francisco Dias d'Ávila deixou a incumbência de ampliar as fazendas implantadas até então. Na qualidade de Capitão das Gentes, assim como haviam sido seus antecessores, Francisco Garcia d'Ávila II participou da guerra de expulsão dos holandeses. Nessa guerra lutou também a favor dos portugueses o famoso Francisco Rodela, índio Tuxá da tribo Procá. Embora não haja nada escrito, é muito provável que se tenham conhecido nos campos de batalha Garcia d'Ávila II, o aventureiro bisneto de Francisco Garcia d'Ávila I e o guerreiro índio Francisco Rodela.

> Foi de Rodelas e vizinhança, quero dizer, da gente da tribo procás, que em 1639 partiu um reforço de 200 guerreiros sob o comando de um moço índio que se imortalizaria com o nome de Rodela, para, ao lado do índio Felipe Camarão, pôr a correr os holandeses da ribeira das Alagoas do São Francisco. Voltou herói o chefe guerreiro e seria batizado com o nome de Francisco – Francisco Rodela ou Francisco Pereira Rodela. Aí, em Rodelas, situaram-se os primeiros curraleiros da

> Sesmaria, que seriam possivelmente os primeiros das corredeiras do São Francisco, para, em seguida, alcançar a margem esquerda do rio e penetrar Piauí a dentro até as terras da Paraíba e Rio Grande do Norte. Subindo o Rio Até Carinhanha. (FONSECA, 1996, p. 12).

Pelo que se lê em documentos do Arquivo Público da Bahia, o território atualmente pertencente ao município de Campo Alegre de Lourdes fazia parte do que se conhecia como Sertão de Rodelas. É muito provável que a ocupação do Médio e Submédio São Francisco efetivada pela Casa da Torre no Século XVII, tenha-se dado em função de acordo verbal que Francisco Garcia d'Ávila II celebrou com Francisco Rodela sem que dele tivessem conhecimento as muitas etnias que ocupavam o vale. Ao índio guerreiro parecia vantajoso fazerem-se vaqueiros seus irmãos autóctones, com a proposta de permanecerem livres para a coleta, a caça, a pesca e o cultivo das caiçaras de lameiro, na terra que sempre lhes pertenceu. Agradou-lhe, sobretudo, a proposta de terem à disposição bons cavalos e a apropriação de um quarto das crias do rebanho que para zelo lhes confiassem.

> Embora anote, aqui, o ano de 1646 referindo-se à conquista, o que se deu nesse ano não foi ainda isso, porém, conforme escreve documentalmente em História da Casa da Torre, o descobrimento das aldeias dos índios Rodela ("o rio São Francisco lá em cima no sertão, onde chamam aldeias de Rodelas", que são muitas" – diz a transcrição do papel, adiante). A conquista do chamado Sertão de Rodelas que, segundo outros autores alcançava o Piauí e, subindo o rio São Francisco chegava ao rio Carinhanha, viria depois, sendo seu promotor Francisco Dias d'Ávila, o segundo desse nome, e custaria muito sangue indígena. Aliás, não foi nesse ano de 1646 senão o requerimento da sesmaria, eis que estando as terras já então "povoadas de gados", como aí se anotou, seu descobrimento se dera anteriormente. Recebendo em 1641, o título de capitão de ordenança, esse segundo Garcia, percorria, a partir de então, os caminhos sertanejos, a seu lado o tio Padre, que no ano seguinte o casaria com sua irmã Leonor. Pouco antes, em 1639, um moço indígena que se fez célebre com o nome de Índio Rodela, capitaneava duas centenas de seus irmãos na luta contra o invasor holandês. Não se sabe se Garcia d'Ávila, que, segundo Pedro Calmon, também esteve nesse campo de luta, o conheceu pessoalmente. Não há registro de que seu período de campanha coincidisse com o do índio. Entre 1639 e 1641, só são dois anos, e não é impossível o encontro dos dois chefes guerreiros, cada qual no comando de um troço militar. Sabia, sem dúvida, de seus feitos heroicos e teria informações sobre suas terras no Rio São Francisco. E ávido por terras como era, mais que os antepassados, disso tratariam, amigavelmente, quando do descobrimento das aldeias do Rodela. Aliás, está escrito em Serafim Leite, que o índio Rodela "matara 80 holandeses, favorecendo um português que se lhe acolheu para o sertão". (FONSECA, 1996, p. 24).

Pelo que se extrai das leituras de requerimentos e doações de sesmarias, nos primeiros tempos a ocupação portuguesa do território sertanejo do Vale do Rio São Francisco ocorreu por força de entendimentos que se fizeram entre os representantes da Casa da Torre e os líderes indígenas locais. Nessas negociações, pelo artifício do bombardeio ideológico colonialista missioneiro, recheado com proselitismo paternalista, os índios a eles subordinados parecia não perceberem estar sendo objetos passivos da história. Pensavam ter participação ativa na relação que, sob seu ponto de vista lhes estava a trazer benefícios.

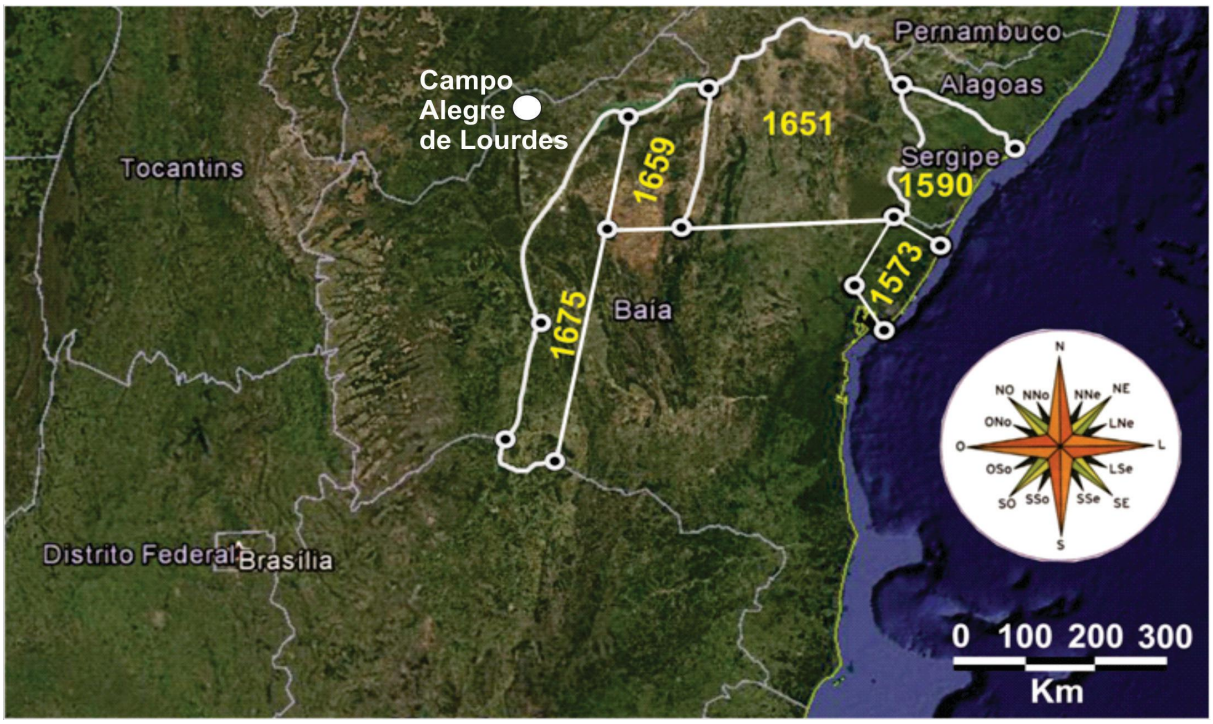
> Dizem o Capitão Garcia d'Ávila e o Padre Antônio Pereira que eles têm descoberto o Rio de São Francisco lá em cima no sertão, onde chamam aldeias de Rodelas, a qual terra descobriram eles suplicantes com muitos trabalhos que passaram de fomes e sedes, por ser todo aquele sertão falto de águas e mantimentos, abrindo novos caminhos por paragens onde nunca os houve e com muito risco de suas

> vidas e dispêndio de muita fazenda, resgates que deram ao gentio para o poder obrigar ao conhecimento e povoação das ditas terras em que despenderam mais de dois mil cruzados de fazendas e roupas com todas aquelas aldeias, que são muitas, e por meio das ditas dádivas os ditos índios como naturais e senhores das ditas terras lhas entregaram, e como tais as povoaram de gado. (FONSECA, 1996, p. 25).

De compra em compra, de presente em presente, de requerimento em requerimento, de sesmaria em sesmaria, em 1675, a família d'Ávila tinha já ampliado suas fazendas da margem sul do Rio São Francisco desde o Oceano Atlântico até a fronteira com o atual estado de Minas Gerais. (Fig. 56). Quando faleceu, Garcia d'Ávila II deixou afeito às lides pecuaristas e às longas jornadas sertanejas seu filho Francisco Dias d'Ávila II (para distinguí-lo de seu avô que, por ter perdido seu pai em tenra idade foi criado por seu bisavô Francisco Garcia d'Ávila). Desde os dez anos de idade, ele o acompanhava na garupa do cavalo e ouvia as recomendações de seu tio conselheiro, o Padre Antônio Pereira. Aprendeu cedo a identificar e enfrentar as adversidades do sertão bravio.

> Quanto aos índios Rodela, é certo que estes acolheram bem os descobridores e isso está perfeitamente entendido no requerimento de sesmaria transcrito no capítulo III: "despenderam mais de dois mil cruzados de fazendas e roupas com todas aquelas aldeias"... Quer dizer, com pequenas dádivas "compraram" as terras e a boa vontade dos legítimos senhores e tudo a partir daí, correu tão bem, que os Rodela estiveram presentes às guerras de matança da raça ao lado do conquistador, mais de uma vez. Simples e ingênuos, deviam estar boquiabertos com a presença vistosa, encavalada e armada a fogo, da nova gente. A partir disso pode-se dizer pacífica a convivência ainda que na base do engodo. E também é justo dizer-se que a população indígena rodeleira conviveu desde os primeiros tempos com a população branco/mestiça em termos de explorado e explorador. Por exemplo, a sina de vender sua terra a troco de nada – bugigangas aqui, adiante fumo e cachaça, foi de nosso desprevenido nativo até quando já não teve o que vender. (FONSECA, 1996, p. 61).

Figura 56 – Sesmarias conquistadas pela Casa da Torre, à direita do Rio São Francisco, até o ano de 1675



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo relator

A partir de 1674, Francisco Dias d'Ávila II iniciou a conquista de terras no além São Francisco, ampliando as sesmarias que, desde 1658 seus ancestrais haviam recebido na então capitania de Pernambuco até o Rio Carinhanha, fronteira atual da Bahia com Minas Gerais, e o Sudeste do Piauí. Depois, expandiu-se o latifúndio. Em 1711, a Casa da Torre tinha-se apropriado de oitenta léguas ao norte do Rio São Francisco, abrangendo terras do Piauí, Maranhão e Paraíba. (FONSECA, 1996, p. 131). (Fig. 57). Auxiliaram-no nessa campanha, seu tio-avô o Padre Antônio Pereira, Bernardo Pereira Gago, Domingos Afonso Sertão, Francisco de Souza Fagundes, Antônio Guedes de Brito, Bernardo Vieira Ravasco, Francisco Julião, Domingos e Francisco Rodrigues de Carvalho e Manoel Gonçalves.

> Viriam também outras terras à margem esquerda do São Francisco, que estavam entre o rio Pajeú e o rio Carinhanha, penetrando longe as terras de Pernambuco, Piauí, Maranhão e Paraíba. Era tudo. Todo o mundo sertanejo, não ficava nada para outrem. (FONSECA, 1996, p. 135-136).

Os membros da Casa da Torre não conseguiram colonizar e nem tampouco conhecer toda a terra que conquistaram. Não lhes restou alternativa que não fosse o arrendamento. Os rendeiros, seus agregados e escravos foram, assim, os verdadeiros povoadores das terras concedidas.

> (...) E nessas terras, parte os donos delas têm currais próprios, parte são dos que arrendaram sítios delas, pagando por cada sítio, que ordinariamente é de uma légua, cada ano dez mil réis de foro. E enfim, como há currais no território da Bahia e de Pernambuco, e outras capitanias, de duzentas, trezentas, quatrocentas, quinhentas, oitocentas e mil cabeças, assim há fazendas a quem pertencem tantos currais, que chegam a ter seis mil, oito mil, dez mil, quinze mil e mais de vinte mil cabeças de gado, donde tiram cada ano muitas boiadas, conforme os tempos são mais ou menos favoráveis à parição e multiplicação do mesmo gado e os pastos, assim nos sítios como nos caminhos. (ANTONIL, 1711 *apud* OITICICA, 1969, p. 186).

Figura 57 – Sesmarias conquistadas pela Casa da Torre, à esquerda do Rio São Francisco, até o ano de 1711.



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo relator

Não foi diferente em Campo Alegre de Lourdes. A ocupação europeia efetiva de seu atual território ocorreu quando, no século XVII, componentes da família Borges ali chegaram como rendeiros, com o intuito de desenvolverem criação efetiva de gado bovino. Desses heróis da pecuária nordestina pouco se escreveu e rara memória se conservou.

> Bem sucedidos que fossem, currais com milhares de reses, curtiram o sertão bruto, enfrentaram fome e sede muitas vezes, muitas vezes doenças que, se não levavam à morte de pronto, traziam-na muito cedo na vida, em plena mocidade, no melhor da maturidade. A morada dos vaqueiros, nos primeiros dias foi o rancho de pau a pique e folhas na cobertura. Em seguida veio a casa de taipa. Mesmo os curraleiros - rendeiros, a regra era construírem a casa de taipa, salvo um ou outro, de grandes posses. (FONSECA, 1996, p. 139).

Em fins do século XVIII, chegou à região a família Dias, fugitiva que era das lutas armadas que aconteciam em Pilão Arcado. Fixou-se às margens de uma lagoa existente na referida fazenda. Formou-se, assim, o povoado que originalmente se chamava Peixe. Não há como desvincular, por isso, a história original de Campo Alegre de Lourdes à história de Pilão Arcado, Remanso, Bahia e Pernambuco.

A primeira capela, construída na década de 1940, foi dedicada a Nossa Senhora de Lourdes. Elevou-se a povoação à vila em 1938, quando passou a se chamar Campo Alegre. Em 1944 recebeu a denominação de Catita e em 1962, quando se elevou a cidade, registrou-se como Campo Alegre de Lourdes.

3.4 Prospecção Arqueológica no Entorno de Angico dos Dias

No dia 26 de fevereiro do ano em curso, a pedido da Associação Comunitária de Fundo de Pasto Terra Viva das Comunidades de Baixãozinho, Baixão Novo e Baixão Grande, CNPJ 26.708.009/0001-45 e da Associação Comunitária de Fundo de Pastos das Comunidades de Angico dos Dias e Açu, CNPJ 26.708.037/0001-62, visitou-se o povoado de Angico dos Dias e outros lugarejos de seu entorno, com o intuito de avaliar o patrimônio arqueológico que se ouviu dizer existir em algumas feições de relevo de formação arenítica. Localizam-se as feições em que se fez inspeção prospectiva no extremo noroeste do município de Campo Alegre de Lourdes - BA. Elas situam-se no entorno da área urbana do distrito de Angico dos Dias e de povoados a ela adjacentes. Fez-se o georreferenciamento das mesmas para que possam ser revisitadas quando for conveniente e oportuno, com o intuito de se confirmar os dados que ora se relatam.

Assim se inspecionaram: Toca do Baixão Novo, à UTMN23L 669149, UTMN 8965453, 611 m de altitude, 1,2 km a sudoeste do povoado homônimo; Toca do Calado, à UTM23L 670726, UTMN 8967126, 606 m de altitude, 2,2 km a nordeste do povoado de Baixão Novo; Toca do João Umbelino, à UTM23L 669382, UTMN 8968491, 599 m de altitude, 50 m a sudoeste do povoado de Baixão Grande; Toca da Serra da Fonte, à UTM23L 669786, UTMN 8968591, 561 m de altitude, 500 m a nordeste do povoado de Baixão Grande; Pedra dos Letreiros, à UTM23L 674505, UTMN 8969238, 636 m de altitude, 1,5 km a noroeste do distrito de Angico dos Dias. (Fig. 58).

Figura 58 – Feições de relevo que se visitou e prospectou-se no entorno do Distrito de Angico dos Dias



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo relator

3.4.1 Toca do Baixão Novo

Trata-se de um abrigo em rocha de arenito da Bacia do Parnaíba. A respeito dele conserva-se na região a tradição oral de que, em tempos antigos, era ocupado pelos índios Acoroá e depois, ao longo da história, por caçadores diversos. Diz-se que sua ocupação era fortuita. Seus sedimentos são arenosos e profusos. Não se encontraram vestígios arqueológicos na superfície do terreno. (Fig. 59 a 61).

Figura 59 – Toca do Baixão Novo



Foto: O relator (2019)

Figura 60 – Toca do Baixão Novo



Foto: O relator (2019)

Figura 61 – Toca do Baixão Novo



Foto: O relator (2019)

Recomenda-se a realização de limpeza e escavação com retirada dos sedimentos, levantamento cadastral e registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), caso se caracterize como sítio arqueológico. Sugere-se, também, a definição, com georreferenciamento, da área do entorno próximo para que se sancione lei municipal, determinando que nela se preserve o patrimônio natural e cultural.

3.4.2 Toca do Calado

Trata-se de um abrigo em rocha de arenito da Bacia do Parnaíba. A respeito dele conserva-se na região a tradição oral de que, em tempos antigos, era ocupado pelos índios Acoroá e depois, ao longo da história, por caçadores diversos. Diz-se que sua ocupação era fortuita. Houve, porém, um caçador, conhecido pelo apelido de Calado que se instalou nele e, por um bom tempo, morou com sua família. Seus sedimentos são arenosos e profusos. Na superfície do terreno encontram-se restos arqueológicos de ocupação histórica. Não se encontraram vestígios pré-históricos. (Fig. 62 a 65).

Figura 62 – Toca do Calado



Foto: O relator (2019)

Figura 63 – Vestígios de ocupação histórica



Foto: O relator (2019)

Figura 64 – Vestígios de ocupação histórica



Foto: O relator (2019)

Figura 65 – Vestígios de ocupação histórica



Foto: O relator (2019)

Recomenda-se a realização de limpeza e escavação com retirada dos sedimentos, levantamento cadastral e registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), caso se caracterize como sítio arqueológico. Sugere-se, também, a definição, com georreferenciamento, da área do entorno próximo para que se sancione lei municipal, determinando que nela se preserve o patrimônio natural e cultural.

3.4.3 Toca do João Umbelino

Trata-se de um abrigo em arenito da Bacia do Parnaíba. A respeito dele conserva-se na região a tradição oral de que, em tempos antigos, era ocupado pelos índios Acoroá e depois, ao longo da história, por caçadores diversos. Diz-se que sua ocupação era fortuita, com exceção de João Umbelino da Silva que por muito tempo morou nele com sua família. Seus sedimentos são arenosos e profusos. Não se encontraram vestígios arqueológicos na superfície interna da toca. Na frente dela, porém, encontraram-se fragmentos de cerâmica pré-histórica e histórica, bem como de vidro antigo e de louça. (Fig. 66 a 74).

Figura 66 – Toca do João Umbelino



Foto: O relator (2019)

Figura 67 – Toca do João Umbelino



Foto: O relator (2019)

Figura 68 – Toca do João Umbelino



Foto: O relator (2019)

Figura 69 – Área interna do abrigo



Foto: O relator (2019)

Figura 70 – Fragmento de cerâmica histórica



Foto: O relator (2019)

Figura 71 – Fragmento de cerâmica histórica



Foto: O relator (2019)

Figura 72 – Fragmento de louça



Foto: O relator (2019)

Figura 73 – Fragmento de vidro



Foto: O relator (2019)

Figura 74 – Fragmento de cerâmica pré-histórica



Foto: O relator (2019)

Membros da comunidade encontraram, também, dois machados semilunares nas proximidades desse abrigo. (Fig. 75 e 76). Junto a ele, há também um cemitério onde estão sepultados os corpos de Manoel Francisco da Silva e Umbelino Francisco da Silva, bisavô e avô, respectivamente, de Antônio José da Silva, guia da prospecção realizada. (Fig. 77 e 78).

Figura 75 – Machado semilunar encontrado nas imediações da Toca do Umbelino



Foto: Edinei Dias Soares (2019)

Figura 76 – Machado semilunar encontrado nas imediações da Toca do Umbelino



Foto: Edinei Dias Soares (2019)

Figura 77 – Cemitério em frente à Toca do Umbelino



Foto: O relator (2019)

Figura 78 – Vista aproximada do cemitério em frente à Toca do Umbelino



Foto: O relator (2019)

Recomenda-se a realização de limpeza, escavação arqueológica com retirada dos sedimentos, levantamento cadastral e registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sugere-se, também, a definição, com georreferenciamento, de uma área de seu entorno para que se sancione lei municipal, determinando que nela se preserve o patrimônio natural e cultural.

3.4.4 Toca da Serra da Fonte

Trata-se de um abrigo em arenito da Bacia do Parnaíba. A respeito dele conserva-se na região a tradição oral de que, em tempos antigos, era ocupado pelos índios Acoroá e depois, ao longo da história, por caçadores diversos. Diz-se que sua ocupação era fortuita. Seus sedimentos são arenosos e escassos. Não se encontraram vestígios arqueológicos na superfície do terreno. (Fig. 79).

Figura 79 – Toca da Serra da Fonte



Foto: O relator (2019)

Recomenda-se a realização de limpeza, com retirada dos sedimentos, levantamento cadastral e registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), caso se caracterize como sítio arqueológico. Sugere-se, também, a definição de uma área de seu entorno para que se sancione lei municipal determinando que nela se preserve o patrimônio natural e cultural.

3.4.5 Pedra dos Letreiros

Trata-se de um afloramento de arenito da Bacia do Parnaíba em cuja superfície há gravuras rupestres históricas e escadas talhadas no íngreme maciço para permitir a travessia dos

tropeiros que de uma trilha serviam-se para comprar mantimentos e vender produtos agrícolas nos portos de Remanso e Pilão Arcado. (Fig. 80 a 85). Recomenda-se a realização de limpeza, com retirada de sedimentos, levantamento cadastral e registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), vez que se caracteriza como sítio arqueológico histórico. Sugere-se, também, a definição, com georreferenciamento, de uma área de seu entorno para que se sancione lei municipal determinando que nela se preserve o patrimônio natural e cultural.

Figura 80 – Pedra dos Letreiros



Foto: O relator (2019)

Figura 81 – Gravuras rupestres históricas



Foto: O relator (2019)

Figura 82 – Feições de relevo que se visitou e prospectou-se no entorno do Distrito de Angico dos Dias



Foto: O relator (2019)

Figura 83 – Feições de relevo que se visitou e prospectou-se no entorno do Distrito de Angico dos Dias



Foto: O relator (2019)

Figura 84 – Velha trilha dos tropeiros com escada talhada no arenito



Foto: O relator (2019)

Figura 85 – Feições de relevo que se visitou e prospectou-se no entorno do Distrito de Angico dos Dias



Foto: O relator (2019)

4 SOBRE OS ÍNDIOS ACOROÁ, ANTIGOS OCUPANTES DE CAMPO ALEGRE DE LOURDES

Os índios Acoroá ou Acroá viviam nos territórios mais ocidentais do sertão baiano. Tinham vida nômade na região compreendida entre o rio Carinhanha, a fronteira de Goiás e a Serra do Gurgueia. "Nos documentos históricos, essas tribos errantes são designadas simplesmente como gentio de corso ou Tapuia". (MARTIUS *apud* OTT (1958, p. 27). Muitos índios Acoroá foram aldeados na Missão de Rodelas e em outras que se implantaram nas margens e nas ilhas do Submédio São Francisco. “O nome Acoroá deriva, segundo alguns, do seu costume de usarem uma faixa abaixo do joelho e, segundo outros, da sua qualidade de arqueiros insuperáveis, envenenando, às vezes, as flechas, hábito geralmente desconhecido entre os Jê”. (OTT, 1958, p. 27-28).

> No fim do século XVII, o governador Dom João de Lencastro ordenou que se criasse um arraial de índios mansos na parte superior do Rio São Francisco, que seria uma barreira contra as constantes depredações dos Acaroázes e dos Mocoázes. Dessa missão, entregue aos padres franciscanos, originou-se a cidade de Barra, na confluência do Rio Grande e do Rio São Francisco. (PEREIRA DA COSTA, 1951, p. 80 *apud* HOENTHAL JR., 1960, p. 43).

Do final do Século XVII a meados do Século XVIII, quando se intensificou a invasão colonialista nas terras do lado esquerdo do Rio São Francisco e Sudeste do Piauí, os índios Acoroás e Guegoás ofereceram grande resistência aos fazendeiros, mormente aos membros e comparsas da Casa da Torre.

> Por essas notícias, já elaboradas em obras de autores reconhecidos, da qualidade de Odilon Nunes e Cláudio Melo, e por outras informações contidas nos ‘autos de Devassa da Junta de Missões do Maranhão’ (1738), bem como em cartas do ouvidor da Vila da Mocha (1747), ficamos sabendo que desde o século XVII, com intensificação no século XVIII, os índios Gueguê e os Acoroá se afrontavam constantemente em solo piauiense com os criadores de gado procedentes da Bahia e de Pernambuco, que instalavam fazendas, em grandes sesmarias, à montante do rio São Francisco. (CARVALHO, 2008, p. 69).

Em 1741, o arraial de índios mansos, implantado por Dom João de Lencastro, recebeu a denominação de Nossa Senhora da Conceição e mais tarde passou a ser conhecida como Aricobé, por causa do nome que lhe atribuíam os índios mansos que a habitavam e falavam a língua geral. (INFORMAÇÃO GERAL DE PERNAMBUCO, 1908, p. 419-422 *apud* HOENTHAL JR., 1960, p. 43). Em 1853, ainda havia índios dessa etnia na missão de Aricobé.

5 POPULAÇÃO APREENSIVA

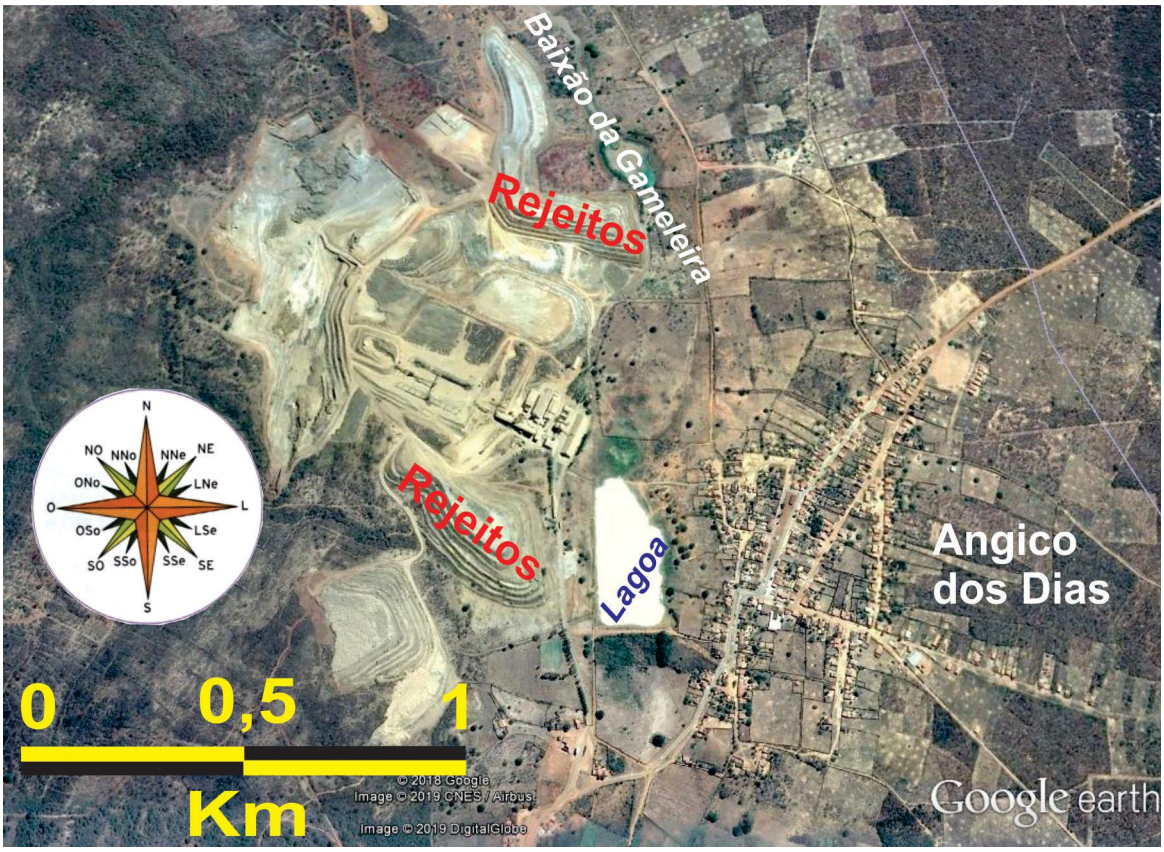
Nas horas que se dispensou à visita prospectiva nas feições de relevo de interesse e valor patrimoniais da população local observou-se extrema apreensão de seus representantes, frente à probabilidade de lavra e extração de componentes das rochas sediadas no município, por empresas mineradoras. Eles temem repetirem-se e ampliarem-se, em âmbito municipal e regional, os impactos ambientais e sociais de que estão sendo vítimas a flora, a fauna e as pessoas que vivem no entorno da Unidade de Mineração da Companhia Galvani que explora fosfato do Complexo Carbonatítico Angico dos Dias.

Essa unidade de mineração instalou-se no povoado em 2002 e começou a extrair fosfato em 2005. A partir de então, ela polui com dejetos humanos e rejeitos industriais uma lagoa que

há no leito do Baixão da Gameleira, e por extensão, a fauna, a flora e as pessoas das adjacências. (Fig. 86). Dela servia-se a população humana e animal. Com ela dessedentavam-se as pessoas, lavavam-se roupas, cozinhava-se, fazia-se o asseio pessoal e cultivavam-se pequenas hortas junto às casas. “A água ficou estranha, com uma cor avermelhada”. (EDIVA, 2015 *apud* MARIANO, 2015). Além disso, muitos moradores que venderam suas terras a preços módicos, com a promessa de que trabalhariam na empresa mineradora, não foram contratados. Vivem hoje sem terra e sem emprego.

> Houve uma degradação total do meio ambiente, barulho imenso de máquinas durante 24 horas, e muita sujeira sendo lançada na lagoa; com tudo isso veio os problemas respiratórios, gripes frequentes, pois foi uma mudança muito rápida em nosso meio. As promessas de emprego para a comunidade principalmente para os ex-donos (sic) de terra ficaram apenas nas promessas. O pior foi quando começaram a explorar os minérios, pois a poluição aumentou gradativamente com um barulho enorme de carretas passando no meio da rua dia e noite, sendo que foram comprando terras nos povoados vizinhos para tirarem madeira pra serem queimadas, pois existe um secador rotativo, que possui um gerador de calor chamado de fornalha movido à lenha, que chega uma temperatura muito elevada. Todos os dias chegam dois caminhões de madeira na mineradora, vindo de cidades do Piauí como Caracol, Anísio de Abreu, Jurema, Várzea Branca, São João do Piauí, São Brás; o Botinha Empreendimentos compra a madeira nessas cidades e vende pra Galvani, ficando uma devastação imensa. A poluição vai se tornando maior a cada dia que passa. Os rejeitos (Restos de mangueiras dos filtros de poeira) são empilhados onde pertence à mineradora, e impedem a passagem das águas das chuvas para a lagoa. Nesse mesmo lado de terras, não se pode plantar mais. (NUNES, 2015 apud MARIANO, 2015).

Figura 86 – Lagoa de Angico dos Dias, poluída com dejetos humanos e rejeitos industriais



Fonte: Google Earth (2019) adaptada pelo relator

Pesa em desfavor da empresa mineradora o fato de os rejeitos estarem sendo depositados na margem direita do Baixão da Gameleira, sem qualquer muro de contenção. Por ação erosiva das chuvas ocasionais, erodem-se e desmoronam-se as bordas, depositando-se consequentemente, parte substancial do despejo industrial no leito do riacho. Ali, contém-se ele provisoriamente por uma barragem que nele se edificou. Ocorre que, pela precipitação de fortes chuvas ocasionais nas cabeceiras do riacho, o açude poderá romper-se. Mesmo que isso não ocorra, transbordarão os detritos tóxicos por seu vertedouro, promovendo à jusante de Angico dos Dias grandes danos à fauna, flora e população humana dos vales da Vereda de Pilão Arcado e do Rio São Francisco. (Fig. 87 e 88).

Figura 87 – Unidade de mineração junto ao povoado de Angico dos Dias



Foto: O relator (2019)

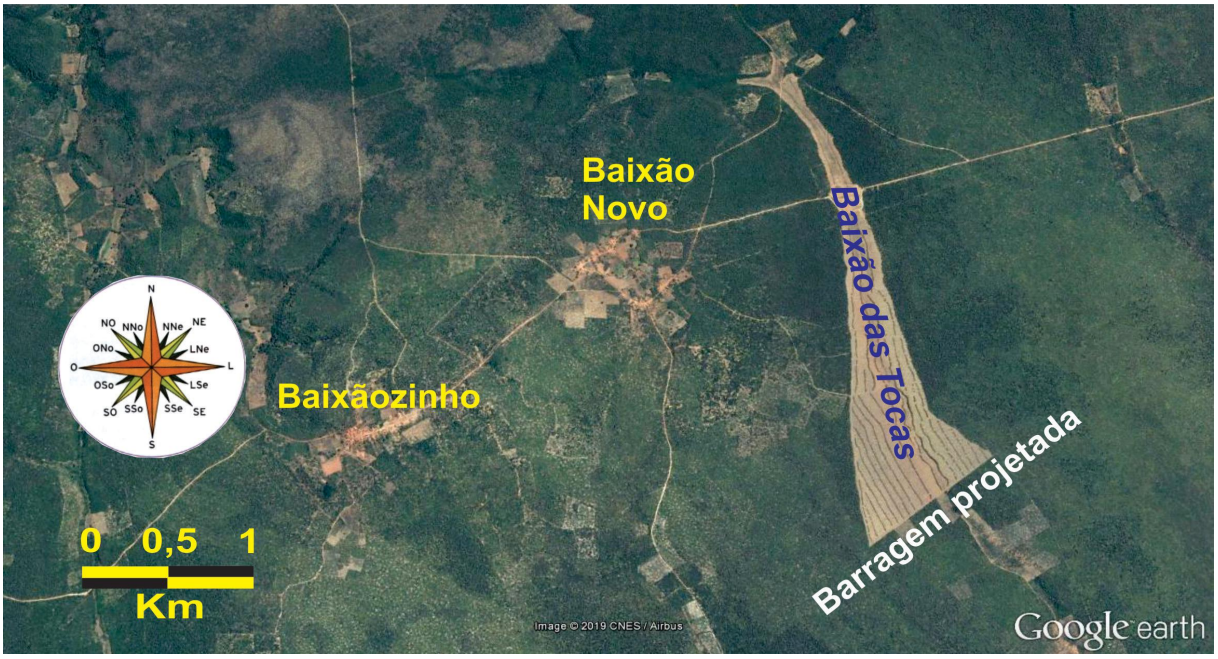
Figura 88 – Rejeitos industriais amontoados à margem do riacho, sem qualquer muro contentor



Foto: O relator (2019)

Teme a população local que se esteja planejando depositar rejeitos de mineração no Baixão das Tocas. Lá se desmataram o leito e ambas as margens daquele baixio por onde fluem as águas pluviais sazonais. No dito riacho intermitente está-se construindo um septo. Ocorre que, pela eventualidade de fortes chuvas ocasionais nas cabeceiras do riacho, o açude poderá romper-se. Mesmo que isso não ocorra, transbordarão os detritos tóxicos por seu vertedouro, promovendo grandes danos à fauna, flora e população humana dos vales da Vereda de Pilão Arcado e do Rio São Francisco. (Fig. 89 a 91).

Figura 89 – Área desmatada pela mineradora no Baixão das Tocas, junto ao povoado de Baixão Novo



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo relator

Figura 90 – Eixo da barragem projetada para o Baixão das Tocas



Foto: O relator (2019)

Figura 91 – Detalhe do septo que se está construindo no Baixão das Tocas



Foto: O relator (2019)

Pesa o fato de que os levantamentos que regularmente se fazem sobre os recursos minerais de Campo Alegre de Lourdes têm despertado grande interesse das mineradoras cuja instalação depende da disponibilidade de áreas onde se possam montar as indústrias de extração de minérios. Isso tem gerado grande busca por terras e promovido à prática sistemática de grilagem.

> Famílias camponesas da região do Angico dos Dias, formada por oito comunidades e localizada a cerca de 70 km da sede de Campo Alegre de Lourdes, Bahia, são alvo, mais uma vez, de ameaças de expulsão do território. Uma grilagem de terras de 83 mil hectares, que abrange a região noroeste do município e parte de Pilão Arcado, está colocando em risco o jeito de viver tradicional das comunidades de fundo de pasto que vivem há várias gerações no local. (CPT DE JUAZEIRO, 2018).

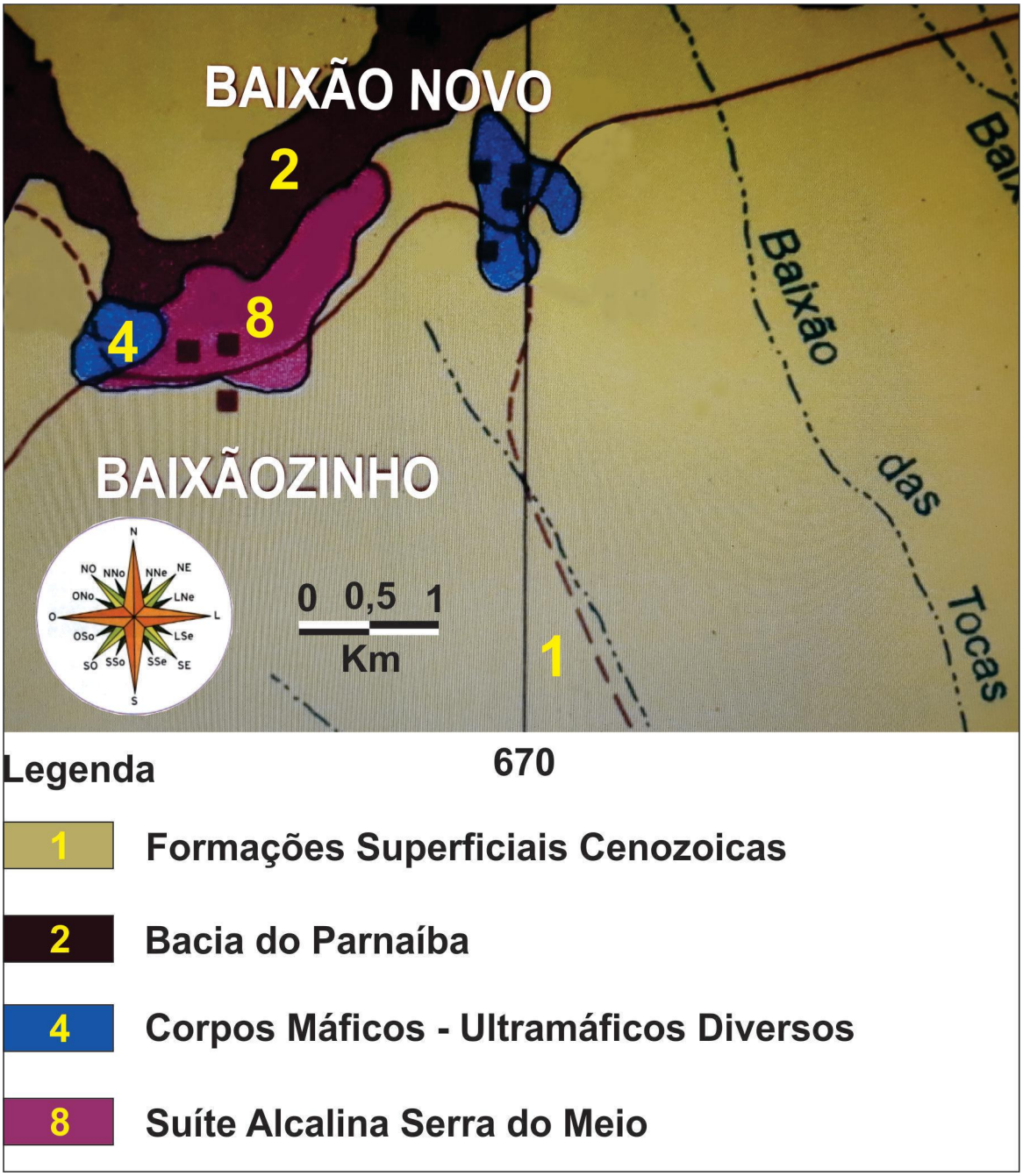
A população teme ser desalojada de suas terras e destruírem-se seus lugares de memória. Deve-se esse temor ao fato de jazidas de minério subjazerem às rochas sedimentares da Bacia do Parnaíba, às Formações Superficiais Cenozoicas e aos povoados em que residem famílias remanescentes do grupo autóctone originalmente ocupante daquele espaço. (Fig. 92). Aquele território tem para as comunidades locais muito mais que valor econômico. Para elas aquele lugar é parte substancial de seu patrimônio cultural. Ele é um atributo agregado de sua identidade.

O patrimônio cultural constitui-se de recordações, memórias e histórias. Quem constrói e registra histórias, compartilha memórias. Por ser a memória uma construção atualizada e renovada do passado, ela integra-se ao patrimônio natural e cultural para constitui-se parte do conjunto de atributos da identidade dos grupos sociais.

> História, tempo e memória são processos interligados. O tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para

transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. (DELGADO, 2010).

Figura 92 – Esboço geológico da área onde se localizam os povoados de Baixão Novo e Baixãozinho



Fonte: Leite (1997), adaptado pelo relator

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS RECOMENDAÇÕES

O contexto histórico e pré-histórico do Médio São Francisco e do Sudeste do Piauí, mormente dos abrigos em rochas areníticas da Bacia do Parnaíba atesta indiscutível potencial arqueológico das feições de relevo prospectadas. Muito embora não se tenham encontrado artefatos na superfície de dois deles, recomenda-se a retirada e peneiramento

de todo o sedimento, com supervisão e acompanhamento de profissionais da área de Arqueologia. É bastante provável que nele se encontrem artefatos com os quais se desvendará parte substancial do contexto histórico e pré-histórico da região norte do município de Campo Alegre de Lourdes.

Sugere-se que se promova ampla divulgação do patrimônio arqueológico do município, conscientizando e conclamando a população para a sua preservação. Propõe-se, para tanto, a criação de leis municipais, estaduais e federais, para a criação de áreas de preservação ambiental e cultural, delimitando topograficamente e fixando marcos de referência nos vértices dos perímetros das feições de relevo com vestígios arqueológicos. Sugere-se que essas feições de relevo tornem-se nichos ecológicos de refúgio da fauna e da flora, para sustar a ação dos agentes que promovem a degradação do patrimônio arqueológico, bem como o assoreamento dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco com rejeitos tóxicos de mineração.

Recomenda-se a implantação de memoriais do patrimônio arqueológico e ambiental nos povoados em cujo entorno existem vestígios arqueológicos, com a participação da comunidade local no processo. A comunidade local faz a leitura dos bens arqueológicos de forma diferente da dos arqueólogos porque para ambos a forma de interpretar o mundo depende dos instrumentos que eles têm a seu alcance. Todos traduzem os artefatos em explicações que condizem com sua cosmologia. As explicações atualizam-se e multiplicam-se na forma de traduções contemporâneas. As leituras das evidências arqueológicas são individuais, por serem feitas por cada indivíduo, e múltiplas porque são realizadas por várias pessoas. Assim, pesquisadores e a população local participam conjuntamente na tarefa de preservar a riqueza cultural e natural herdada. Com essa riqueza preservada, o passado faz-se presente e ajuda a fortalecer a identidade e a autoestima campo-alegrenses.

Propõe-se que se inicie o processo de preservação dos sítios arqueológicos e conscientização da população local, com a criação de lei municipal referente à Toca do Umbelino que já se constatou tratar-se de sítio arqueológico multicomponencial e Pedra do Letreiro que se caracteriza como sítio arqueológico histórico. Faça-se o mesmo com as demais feições de relevo superficialmente prospectadas, caso se encontrem neles artefatos de relevância cultural e patrimonial.

Alvitra-se que as leis municipais que se ora se propõem, sejam assim redigidas:

Baixão Grande

Art. 1º - Fica criada a Reserva Ecológica e Arqueológica Baixão Grande.

Art. 2º - A área da Reserva ora criada será definida por decreto municipal após levantamento topográfico realizado com a participação efetiva do representante da Associação Comunitária de Fundo de Pasto Terra Viva das Comunidades de Baixãozinho, Baixão Novo e Baixão Grande.

Art. 3º - A Reserva Ecológica e Arqueológica Baixão Grande será administrada pela Secretaria municipal do Meio Ambiente.

Art. 4º - Ouvida a Associação Comunitária de Fundo de Pasto Terra Viva das Comunidades de Baixãozinho, Baixão Novo e Baixão Grande, fica o Prefeito Municipal de Campo Alegre de Lourdes autorizado a Baixar regulamento, disciplinando a exploração econômica da Reserva que se cria com a presente lei.

Art. 5º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Pedra do Letreiro

Art. 1º - Fica criada a Reserva Ecológica e Arqueológica Pedra do Letreiro.

Art. 2º - A área da Reserva ora criada será definida por decreto municipal após levantamento topográfico realizado com a participação efetiva do representante da Associação Comunitária de Fundo de Pastos das Comunidades de Angico dos Dias e Açu.

Art. 3º - A Reserva Ecológica e Arqueológica Pedra do Letreiro será administrada pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Art. 4º - Ouvida a Associação Comunitária de Fundo de Pastos das Comunidades de Angico dos Dias e Açu, fica o Prefeito Municipal de Campo Alegre de Lourdes autorizado a Baixar regulamento, disciplinando a exploração econômica da Reserva que se cria com a presente lei.

Art. 5º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

REFERÊNCIAS

ARAGUAIA, Mariana. **Tatu-galinha (Dasypus novemcinctus).** Brasil Escola. Disponível em https://brasilescola.uol.com.br/animais/tatu-galinha.htm. Acesso: 17 dez 2018.

ARCANJO, João Batista Alves; BRAZ FILHO, Pedro de Alcântara (Orgs.). **Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. Folha SC.23-Z-A (Curimatá), SC.23-Y-B (Corrente) e SC.23-Z-B (Xique-Xique). Escala 1/250.000. Estados da Bahia e do Piauí**. Brasília: CPRM, 1999.

BILL, Luiz Carlos. **Perdiz da Caatinga**. 2013. Disponível em: http://www.focadoemvoce.com. Acesso: 10 fev 2019.

BRITANICA ESCOLA. **Caititu**. Ministério da Educação – CAPES. Disponível em: https://escola.britannica.com.br. Acesso: 17 dez 2018.

CARVALHO, João Renôr F. de. **Resistência indígena no Piauí colonial (1718-1774)**. 2 ed. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTRO, Jackson. **Energia Eólica**. 2013, Disponível em: http://visoesdacaatinga.blogspot.com. Acesso: 02 mar 2019.

CAVALCANTI, Nilton de Brito. **O tatu china da caatinga nordestina**. 2009. Disponível em: https://fatosefotosdacaatinga.blogspot.com. Acesso: 02 jan 2019.

_____. **A raposa da caatinga nordestina**. 2013. Disponível em: https://fatosefotosdacaatinga.blogspot.com. Acesso: 02 mar 2019.

CBPM. **Programa de Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil: Campo Alegre de Lourdes – Folha SC.23-X-D-IV e Peixe – Folha SC.23-X-D-I**; Escala 1: 100.000. (Anexo I). Brasília: CPRM, 1997.

CIPRIANI, Rudimar Narciso. **Asa-branca**. 2015. Disponível em: http://g1.globo.com. Acesso: 02 jan 2019.

CPRM. **Mapa Geológico da Bahia**. Ministério das Minas e Energia. Escala 1: 1.000.000. Brasília – DF: CPRM, 2003.

CPT DE JUAZEIRO. **Sim à vida e não para mineração, dizem comunidades de Campo Alegre de Lourdes durante Romaria**. 2015. Disponível em: https://www.cptnacional.org.br. Acesso: 29 mar 2019.

_____. **Grilagem de terras: Comunidades de Campo Alegre de Lourdes (BA) sofrem ameaças constantes**. 2018. Disponível em: https://www.cptnacional.org.br. Acesso: 29 mar 2019.

CUNHA, Lygia Machado. **Bichos do meu Brasil**. 2017. Disponível em: http://bichosdomeubrasil.blogspot.com. Acesso: 17 dez 2018.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FAUNA DA CAATINGA. **Preá**. 2017. Disponível em: http://riquezaculturaldacaatinga.blogspot.com. Acesso: 10 fev 2019.

FERREIRA, Rafael. **Tatu-peba: gosta de salada, mas tem fama macabra**. 2013. Disponível em: https://www.oeco.org.br. Acesso: 02 jan 2019.

FONSECA, João Justiniano da. **Rodelas: curraleiros, índios e missionários**. Salvador – BA: Edições Gráficas, 1996.

GIRARDI, Giovana, **Mascote da Copa do Mundo, tatu-bola está em risco de extinção**. O Estado de São Paulo. 2014. Disponível em: https://sustentabilidade.estadao.com.br. Acesso: 02 jan 2019.

GROSSET, Arthur. **Jacucaca: Fotos de Arthur Grosset**. 2019. Disponível em: https://www.flickr.com. Acesso: 02 mar 2019.

GOOGLE EARTH. US Dept of State Geographer. Image Landsat / Copernicus. 2019.

HOHENTHAL JR. W. D. **As Tribos Indígenas do Médio e Baixo São Francisco**. Revista do Museu Paulista. São Paulo. Nº. 12 (Nova Série), p. 37 a 66, 1960.

ICMBIO. **Pato-Mergulhão: embaixador das águas brasileiras**. 2019. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br. Acesso: 02 mar 2019.

KESTERING, Celito. **Arqueologia: memória, ciência e poesia**. São Carlos – SP: Pedro e João, 2018.

LEAL, Sérgio. **Codorna do Nordeste**. 2012. Disponível em: http://avesalagoas.blogspot.com. Acesso: 10 fev 2019.

LEITE, Carlson de Matos Maia. **Programa de Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil: Campo Alegre de Lourdes – Folha SC.23-X-D-IV e Peixe – Folha SC.23-X-D-I**; Escala 1:100.000. Brasília: CPRM, 1997.

LEITE, Carlson de Matos Maia; FRÓES, Raymundo José Bulcão. **Características Petroquímicas do Granito Alcalino Serra do Meio (Campo Alegre de Lourdes-Bahia**). Litogeoquímica e Geoquímica Isotópica, p. 157-167, 2019. Disponível em: https://inis.iaea.org. Acesso: 21 fev 2019.

LIMA, Eduardo Gonçalves de; MACÊDO, Eron Pires; LOUREIRO, Herman Santos Cathalá; AMOR DIVINO, Jocilene Santana do. **Projeto Remanso-Sobradinho. Carta Geológica**. Salvador: CPRM, 2017. 1 mapa color. Escala 1: 250.000. Programa Geologia do Brasil. Disponível em: http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/18814. Acesso: 15 dez 2018.

LIMA, Jesus. **2ª Vaquejada do Parque dos Amigos em Campo Alegre de Lourdes – BA**. 2018. Disponível em: http://www.portalanisiense.com.br. Acesso: 23 mar 2019.

LOURENÇO, Andresa Cristina. **Seriema**. MBLOG. 2016. Disponível em: https://www.google.com. Acesso: 18 dez 2018.

MARIANO, Josué. **Festa de Reis em Campo Alegre de Lourdes**. 2016. Disponível em: https://blogdojosuemariano.com.br. Acesso: 24 mar 2019.

_____. **Festa da Padroeira Nossa Senhora de Lourdes – 2019 – terceira noite**. 2019. Disponível em: Disponível em: https://blogdojosuemariano.com.br. Acesso: 24 mar 2019.

_____. **População de Campo Alegre de Lourdes: entre a cruz e os ladrões**. 2015. Disponível em: https://blogdojosuemariano.com.br. Acesso: 12 mar 2019.

_____. **Galvani e a comunidade Angico dos Dias: os dois lados da mesma moeda**. 2015. Disponível em: https://blogdojosuemariano.com.br. Acesso: 29 mar 2019.

MARINHO, Ana Clara. **Mocó prejudica meio ambiente e história de Noronha**. Viver Noronha, 2014. Disponível em: http://g1.globo.com. Acesso: 17 dez 2018.

MELLO, Daniel. **Relato do workshop de fotografia com João Quental na Pousada Paraíso, em Petrópolis – RJ**. 2012. Disponível em: https://virtude-ag.com. Acesso: 02 jan 2019.

NUNES, Lucas. **Campo Alegre de Lourdes tem São João mais animado dos últimos anos**. 2015. Disponível em: http://blogdolucasnunes.com. Acesso: 23 mar 2019.

OITICICA, Luiz Ferreira. **Cultura e Opulência do Brasil** (Fac-símile da edição portuguesa que João Antônio de Andreoni Antonil escreveu em 1711). 1969.

OLIVEIRA, Márcio Pires de. **Mandaçaia (Melipona mandaçaia)**. 2011. Disponível em: http://www.meliponarioreidamandacaia.com. Acesso: 18 dez 2018.

_____. **Cupira (Partamona Cupira)**. 2011. Disponível em: http://www.meliponarioreidamandacaia.com. Acesso: 02 jan 2019.

OTT, Carlos. **Pré-História da Bahia**. Coleção de Estudos Brasileiros, Série Marajoara. Nº. 24. Aguiar e Souza Ltda. Livraria Progresso. Salvador: Imprensa Vitória. 1958.

PEREIRA, Maurício. **Mazama gouazoubira**. Disponível em: https://www.flickr.com. Acesso: 02 jan 2019.

PERSON, Giselda. **Saguí-de-tufo-branco tem origem da Caatinga e vive em bando**. 2016. Disponível em: http://g1.globo.com. Acesso: 02 mar 2019.

PORTAL DO SÃO FRANCISCO. **Irerê**. 2019. Disponível em: https://www.portalsaofrancisco.com.br. Acesso: 02 mar 2019.

RIBEIRO, Krukemberghe Divino Kirk da Fonseca. **Período Ordoviciano**; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/biologia/periodo-ordoviciano.htm. Acesso: 20 mar 2019.

ROCHA, Cláudio. **Aves da Caatinga – Nambu**. 2014. Disponível em: http://forrozeirospe.blogspot.com. Acesso: 02 mar 2019.

RODRIGUES, Vitório. **Zabelê: um animal da caatinga ameaçado de extinção**. 2009. Disponível em: http://ovagalume.blogspot.com. Acesso: 10 fev 2019.

SANTOS, Marcos. **Macaco–prego da Caatinga**. 2012. Disponível em: http://www.imagens.usp.br. Acesso: 02 mar 2019.

SANTOS, Maria Vanessa dos. **Lobo-guará**. 2019. Disponível em: https://escolakids.uol.com.br. Acesso: 02 mar 2019.

SOUZA, Francisco. **Arribaçã Zenaida auriculata (Des Murs, 1847); Fauna do RN**. 2014. Disponível em: http://faunaefloradorn.blogspot.com. Acesso: 02 jan 2019.

SOUSA, Francisco de Assis. **Por dentro da Caatinga: Umburana de Cheiro**. Disponível em: http://www.tvverdescampossat.com. Acesso: 13 dez 2018.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. In: Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010, Vol. 7, Ano VII, nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso: 10 mar 2016.

VIEIRA, Carla Araújo. **Capivara**. 2009. Disponível em: https://www.infoescola.com. Acesso: 10 fev 2019.

YOUTUBE. **Leopardus tigrinus**. 2017. Disponível em: https://www.google.com. Acesso: 02 mar 2019.

_____. **Abelha Moça Branca**. 2017. Disponível em: https://www.google.com. Acesso: 10 fev 2019.

_____. **Cutia (*Dasyprocta aguti*)**. 2019. Disponível em: https://www.google.com. Acesso: 10 fev. 2019.

WIKIPÉDIA. **Campo Alegre de Lourdes**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org. Acesso: 02 mar 2019.

Juazeiro, BA, 04 de março de 2018.



Celito Kestering
Comissão Pastoral da Terra
Diocese de Juazeiro – BA
E-mail: celito.kestering@gmail.com
Fones: (74) 3613-6897; (74) 98873-7470